N.º 241—11.º ano

D. SEBASTIÃO

Magnifico retrato, pintado por Sanches Coelho, considerado por Felipe II o "Ticiano português"

1-JANEIRO-1936

PREÇO-5 escudos

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES" e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS

Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 — End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Jóias e Pratas Artísticas

PARA TODOS OS PREÇOS

Eloy de Jesus

Rua Garrett, 45 — Telefone 2 6219

MAIS DINHEIRO

PARA AS SENHORAS QUE TRABALHAM

Dactilografa

É difícil avaliar diferenças de competência entre muitas concorrentes, mas um bom aspecto convida sempre a um juizo favorável. A escolha de um pó de arroz é um dos assuntos mais sérios para as senhoras cujo trabalho apenas permite consagrar pouco tempo ao seu exterior. Elas não podem ter feios narizes brilhantes e peles gordurosas. Uma aparência de desmazelo diminui-lhes as possibilidades de ganho. Por causa da «mousse de crème» que contém, o Pó Tokalon conserva-se até que as lavagens o arrastem. Suprime o luzidio, impede a obstrução dos poros, actua como um tónico da pele, e o granulo e a côr são tão perfeitas que parecem absolutamente naturais. Experimente o Pó Tokalon e constate, em si mesma, a beleza nova e surpreendente que êle dá imediatamente ao seu rosto.

Empregada

Os compactos Tokalon contêm agora a «mousse de crème». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qualquer cousa de novo, de diferente, de melhor!

Á venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon (Secção I. L.) — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende, sem demora, qualquer pedido da Provincia.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 241 — 11.º ANO
1 — JANEIRO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

UM FELIZ ANO NOVO

A TODOS OS NOSSOS QUERIDOS LEITORES

A *Ilustração* ao entrar no 11.º ano da sua existência, deseja um feliz Ano Novo a todos os seus leitores, assinantes e anunciantes, cumprindo assim um dever com a maior sinceridade e a mais profunda gratidão. E' que, ainda há uma semana, tendo colocado o sapatinho na chaminé doirada das suas aspirações, o Pai Natal, enviado por todos os que se interessam pelas prosperidades da nossa Revista, trouxe-lhe, entre muitas coisas bonitas, a cativante certeza de que continuava a ser querida e estimada.

Para se manter durante dez anos uma revista como a *Ilustração*, que é a única publicação no seu género em Portugal, avaliarão os leitores quantos cuidados, quantos encargos e quantos sacrifícios deve ter custado a quem a redige e orienta.

Não desanimamos, no entanto, nem nos arrependemos. Todo o esfôrço dispendido tem sido compensado pelo carinhoso acolhimento dos nossos leitores que nos continuam a dar alento para prosseguir nesta espinhosa jornada.

Ao Inverno desolado e triste sucede sempre a Primavera florida e radiosa. Das hastes sêcas e mirradas dos roseirais das nossas canseiras brotarão, na quadra própria, as mais lindas rosas de capitoso perfume. Se nos feriram as mãos com os seus espinhos, quando as tratamos com os desvelos dum jardineiro apaixonado, elas trarão, a seu tempo, a melhor das compensações com o seu surpreendente viçôr.

Não será vantajoso o cultivo das rosas na nossa terra, mas, francamente, encanta-nos enviar, quinzenalmente, um lindo «bouquet» matizado a quem soube reconhecer o nosso esfôrço.

A dificuldade da sua confecção aumentará o valor do mimo.

Se nunca tivemos em mira quaisquer lucros pecuniários, hoje muito menos os podemos esperar, atendendo aos preços elevadíssimos que nos custam o papel magnífico, as gravuras impecáveis e a composição e impressão perfeitíssimas que empregamos.

Mas, nem por isso, a *Ilustração* deixará de ir fazer a visita quinzenal aos nossos leitores, sempre formosa e elegante. Não só continuará a manter o luxo que lhe rodeou o berço, e que portugueses e estrangeiros se habituaram a vêr e a admirar, como ostentará em cada número uma «toilette» mais chic e mais vistosa. A *Ilustração* continuará a ser o espelho maravilhoso dos grandes acontecimentos mundiais que virá completar, pela imagem e pela leitura, o que a radiotelefonia nos pode revelar por meio do som.

Abordará os assuntos palpitantes, tanto de Portugal como do estrangeiro, dando assim uma visão rápida mas concludente das grandes ocorrências que empolgam o público e que as agências informativas se apressam, como é natural, a dar para a Imprensa diária, por entre consecutivas rectificações e até freqüentes desmentidos.

Evocará também os belos dias de um passado glorioso, quer nimbado pela mais bela tradição, quer sepultados pelo mais atroz esquecimento.

Através das suas páginas de Arte surgirão os mais portentosos génios que deslumbraram o Mundo e continuarão a deslumbrá-lo até à consumação dos séculos.

E, assim a *Ilustração* ficará constituindo uma verdadeira enciclopédia sempre útil, sempre necessária e até indispensável.

Com tais projectos, a nossa Revista torna-se digna da simpatia com que tem sido acolhida por todos os seus numerosos leitores.

Para aquêles que, longe da Pátria, tentam fortuna num labor exaustivo, sem esquecer um momento sequer o abençoado torrão que lhes foi berço, a *Ilustração* tem sido e continuará a ser a portadora fiel e carinhosa de tudo o que os prende a êste querido Portugal.

Para os nossos leitores que nêsse formoso Brasil se enlevam nas côres da bandeira acolhedora da República irmã sem deixar de pensar na terra distante em que flutua a sua vêrde-esperança com toda a pujança do seu sangue rubro, a *Ilustração* será o ponto de união através da imensidade do Oceano.

Para os nossos assinantes que se encontram nas adustas paragens africanas, moirejando pela manutenção do seu lar, a *Ilustração* ha de ser, como sempre tem sido, o mais delicioso bâlsamo para as suas saudades, e a mais encantadora distracção para a sua nostalgia.

A todos, pois, que a têm auxiliado no seu trabalhoso empreendimento, a *Ilustração* deseja um feliz Ano Novo cheio das maiores venturas e prosperidades.

NÚVENS NO "MARE NOSTRUM,,

Ilhas paradisíacas que se tornam em fortalezas

O arquipélago das Baleares e a sua alta importância estratégica no Mediterrâneo

Nos olhares de muitos habitantes do arquipélago da Maiorca reflete-se, nos últimos tempos, certa apreensão. As ilhas favorecidas pelo sol erguem-se inalteraveis há séculos, das vagas do Mediterraneo, distanciadas do mundo, iguais às maravilhas dos contos, cobertas por um céo azul, sem nuvens. As ilhas brilham na magnificência de côres das suas flôres policromas e dos seus rochedos resplandecentes de cinzento-violeta e encarnado. Mas, agora observando bem os habitantes desta feliz ilha, nota-se que no semblante de muitos, de tempos a tempos, quando meditam, aparece uma sombra de apreensão e supõe-se descobrir que na paz paradisíaca em que êles vivem ressoa uma voz dissonante... voz só perceptivel para os ouvidos interiores, vinda de longe através da superfície extensa do Mediterraneo, onde, fora do alcance da vista, navios de guerra em prevenção espreitam e patrulham ou permanecem ancorados, ameaçadores nos portos e nas bases navais. Essa voz vem das capitais de Europa onde ressoam os graves discursos e são redigidas importantes notas diplomáticas e do acanhado hemiciclo das Côrtes de Madrid.

Cada balearense conhece a importância da sua ilha. Ela foi cobiçada desde os tempos mais antigos. Do mesmo modo que alguns países do coração da Europa, o arquipélago das Baleares, no decorrer da história, mudou de destino várias vezes. Já os fenicios se estabeleceram aqui; as ruínas dos "Talayots", as torres largas e quadradas, onde acendiam as fogueiras para guiar os navegadores, testemunham êsse facto. Os gregos e, mais tarde, os cartagineses dominaram as Baleares. Elas pertenceram ao império romano e depois da entrada dos vandalos na peninsula essa tribu germanica instalou-se ali até serem expulsos pelos sarracenos. O grande rei da Catalunha Jaime I, o Conquistador, tomou as ilhas para a Espanha em 1228; foram, no princípio do século XVIII ocupadas pela Inglaterra e retomadas de novo em 1782 pela Espanha.

Há século e meio reina a paz neste paraíso do Mediterraneo. Em Villademosa, na Maiorca — a maior das três ilhas Baleares — compoz Chopin as suas mais lindas e inesqueciveis sonatas. Nesta e nas duas mais pequenas ilhas Minorca e Ibiza procuram paz e repouso os habitantes dos países frios do norte da Europa. Os bondosos e hospitaleiros habitantes das ilhas cultivam as férteis encostas e vales, colhem todos os anos azeitonas e laranjas e ninguém supõe que nas suas veias corre o sangue dos corsários que, durante o império dos sarracenos, infestaram o Mediterraneo; que os seus avós foram os celebres atiradores de pedra da antiguidade e que a palavra grega «ballein» — "lançar„ — deu o nome às suas ilhas transformando-se em Baleares até aos nossos dias. Segundo a lenda, as mães nesse tempo educavam os seus rapazes de tenra idade nas virtudes guerreiras. Punham o pão que lhes queriam dar nos ramos das arvores e obrigavam-nos a tirá-lo dali com a funda.

À esquerda: *Aspecto geral do porto do Soller.* Em baixo: *Uma cêna rustica*

À margem das disputas e lutas da Europa, os balearenses, no suave clima do Mediterraneo, gozam de paz ha século e meio.

Em redor, entretanto, o tempo avançou; o progresso da técnica, a aviação, a construção naval e o desenvolvimento de novos interesses políticos no Mediterraneo deram às ilhas nova importância, pelo que deixaram de ser apenas o paraiso terrestre e alcançaram importância estratégica. O caminho para a India da Inglaterra e o caminho da Itália para o Oceano pode ser dominado das Baleares. A política da neutralidade da Espanha até agora colocou as ilhas fóra do alcance das lutas de interesses europeus. Mas, no Mediterraneo, surgiram novas forças que inquietam a Espanha pela sorte das Baleares.

Pesado silêncio da noite nos envolve nas aldeias das Baleares. As baixas e brancas casas encostam-se sonhadoras na vertente entre as manchas escuras das oliveiras. Perto, ao lado da aldeia, precipita-se a montanha escarpada no mar refulgente de luar. Duas colinas alongam-se para o mar e formam uma enseada rodeada por abruptos rochedos onde a água repousa quieta e lisa como um espelho. E quando a noite estou sentado no banco de pedra á porta da "fonda„ com os rapazes e as velhas da aldeia, às vezes uma voz na penumbra principia a contar: Ha vinte anos, lá em baixo, na enseada, apareciam muitas vezes submarinos, que tomavam água fresca e mantimentos. Os seus tripulantes negociavam com os habitantes, trocando diversos artigos. Que bandeira ostentarão os submarinos que nos visitarão num futuro mais ou menos próximo? E virão apenas ás escondidas por poucas horas, procurando refúgio?

Seguramente, há poucos dias, quando se embarcava em Barcelona para êste paraíso insular, ouvia-se dizer em segredo que nos últimos tempos foram vigiados os turistas estrangeiros que mostraram menos interesse pela magnificência das palmeiras e laranjeiras, pela paisagem incomparável, do que pela natureza das correntes na costa, pelas enseadas isoladas, pelos terrenos e vilas na praia. Hesitando pronunciam os nomes das pessoas e nações.

Si vis pacem, para bellum. O parlamento de Madrid votou 440 milhões de pesetas — quási um bilião de francos franceses — para a fortificação do arquipélago. Outros créditos estão projectados para a realização de obras de defesa. As fortificações antiquadas das ilhas Minorca, situadas ao norte necessitam modernos abrigos. Nos estaleiros espanhois são construídos novos lança-minas e o cauteloso e previdente ministro da Guerra começou já há muito tempo a reorganização metódica de todo o sistema defensivo espanhol.

Sem que o público o saiba, transportam-se canhões para cá, constroem-se abrigos e uma faixa de aço e cimento deve envolver a ilha. Mas no meio da sua paisagem paradisíaca a aragem do vento de sul leva também com facilidade a inquietação dos homens. Nos mercados das aldeias são postos a venda, no meio de cantigas alegres, peixes prateados e das côres mais diversas, melões amarelos, laranjas e romãs de côr de sangue. Figuras bronzeadas pelo sol andam montadas em pequenas e ageis muares, vindas das granjas próximas com dois cestos enormes, carregados. No interior da ilha erguem-se os cumes das montanhas de mil metros de altura, que oferecem aspectos grandiosos, paisagens alpestres. As encostas escarpadas são cobertas duma vegetação luxuriante dos países do sul, coberta pelo sol reluzente. Por tôda a parte se ouvem canções melodiosas, pregões indolentes, os olhos não se fartam do panorama variado que se oferece à vista. Tem-se a impressão que êste pedaço montanhoso banhado pelo mar é a transição, a sentinela da próxima África. Embora fortificada esta ilha é ainda um paraíso.

Torre do Castelo de Belver na ilha Maiorca

Nos brancos vapores da carreira diária entre Barcelona e as Baleares os passaportes dos estrangeiros são verificados após a saída do porto. Quando durante esta viagem recebi da mão do funcionário da polícia espanhola o passaporte, êste olhou-me de frente e preguntou-me o que tencionarei fazer como jornalista nas Baleares? Fiquei um pouco preocupado e êle chamou-me para a sala de fumo. Aumentou a minha inquietação. O funcionário convidou-me a tomar um "vermouth„ e contou-me anecdotas da Maiorca e de Madrid. Ainda mais preocupado fiquei com a circumstância. Cessando a conversa, o funcionário inclinou-se como perfeito cavalheiro, estendeu-me a mão obsequiosamente e disse: "Se você escrever algum artigo sôbre as Baleares não se esqueça de mencionar que foi recebido por um funcionário castelhano pois eu sou de Castella, a região mais espanhola da Espanha„!

Ditoso paraíso-fortaleza! Invejável povo dos Baleares! Mesmo que as ilhas sejam fortificadas os homens e as autoridades continuam aqui amaveis e obsequiosas, mesmo as autoridades, seja-me perdoado esta suposição impopular. Sôbre as auto-estradas da ilha continuarão sem perturbações a rolar as camionetes cheias de turistas que vêm admirar a paisagem romântica, as grutas de Manacor e a suave praia em Cala Ratjada. Nas aldeias interiores continuarão a alugar aos estrangeiros as pequenas e encantadoras casinhas, com instalações modernas por cinqüenta pesetas (cento e cinqüenta escudos) por mês.

Com quatrocentos e quarenta milhões de pesetas pode-se transformar os rochedos numa fortaleza. A Espanha não está ligada por nenhum tratado naval e está livre, portanto, de tôda a limitação na sua marinha. As Baleares, situadas no caminho das tropas coloniais francesas, entre Argel e Marselha, serão ponto cubiçado em caso de conflito e é possível que a Espanha não possa conservar a sua neutralidade. França, Inglaterra e Itália estão influenciadas pela situação da parte espanhola da península, factor marítimo muito importante pela sua configuração e estratégia. Seria para qualquer delas muito importante tê-la como aliada, aproveitando as magníficas bases navais das suas ilhas Baleares, como seria uma grave ameaça tê-la por adversária. Mas mesmo que empreguem muitos e muitos milhões nem assim conseguirão modificar a situação encantadora desta fortaleza-paraíso.

Outro aspecto da baía de Soller, visto das rochas que dominam o porto

Ludovic Stautz — *Barcelona.*

A MORTE APARENTE

pode libertar a Humanidade de algumas terríveis doenças

Os jornais diários referiram-se há tempo às experiências do médico norte-americano Ralph Willard que se dizia ter descoberto a cura da tuberculose pela congelação. O processo daquele sábio consistia em provocar no indivíduo, por meio do frio, um estado de morte aparente, a que em linguagem científica se chama *anabiose*.

A ideia de utilizar as variações de temperatura para exterminar os micróbios que se desenvolvem no interior do organismo humano não é recente. Nela se baseia a piroterápia cujo fim é provocar uma febre artificial destinada a destruir a vida microbiana. Infelizmente, a tolerância do corpo humano ao calor é muito limitada. Não vai além de 40 ou 41 gráus e para que fôsse eficaz contra a maioria dos bacilos seria preciso elevá-la a 60 ou 70 gráus.

Resta portanto o frio. Sabe-se que se fôr possível abaixar a temperatura a 30 gráus negativos e conservá-la assim durante algum tempo, os micróbios que não fôrem exterminados sofrerão, pelo menos, uma transformação de tal ordem que deixarão de ser nocivos.

O dr. Willard retirando um macaco da geleira. Os médicos observando a ressurreição do animal

Ora o congelamento dum corpo vivo é considerado possível há muitos séculos. Os animais de sangue frio resistem perfeitamente a êle. Conhecem-se de longa data casos de peixes que, imobilizados num bloco de gêlo, voltam à vida logo que êste entra em fusão. A mesma experiência pode ser tentada com o sapo.

Edmond About não ignorava talvez êste facto quando escreveu o seu famoso romance «O homem da orelha quebrada». Nessa obra de admirável fantasia, o autor conta-nos a história dum coronel de Napoleão que cai inanimado no gêlo durante a campanha da Rússia e que um grupo de sábios consegue chamar à vida 47 anos mais tarde.

Para arquitectar êste engenhoso romance o autor passou por cima das impossibilidades que o problema apresentava no seu tempo. Mas fez obra de antecipação e a realidade está prestes a ir ao encontro da sua fantasia.

De facto, para os animais de sangue quente existem dificuldades que durante muito tempo fôram consideradas insuperáveis. Era preciso evitar a deshidratação dos tecidos e a coagulação definitiva do sangue.

Em 1913 um fisiólogo americano, Castellane-Seymour anunciou ter descoberto a solução, que consistia em injectar no sujeito da experiência, por via intra-venosa uma determinada substância. Castellane Seymour experimentou com êxito a sua descoberta num cão e propunha-se submeter-se êle próprio à experiência. A Grande Guerra desviou-o, porém, da sua actividade.

«O homem da orelha quebrada», segundo a versão cinematografico do romance de Edmond About

O dr. Willard, que a Imprensa ultimamente celebrizou, prosseguiu as experiências de Castellane-Seymour. Congelou um macaco e reanimou-o dez horas depois. Congelou outro, deixou-o dez dias na geleira e conseguiu chamá-lo no fim dêsse tempo à vida. Claro está que a técnica da congelação não se encontra ainda muito aperfeiçoada. Os perigos são ainda grandes, porque entre o estado *anabiótico* e a morte verdadeira há uma fronteira ténue que pode com facilidade ser ultrapassada. Em todo o caso, a possibilidade da experiência está demonstrada e abre vastos horizontes à ciência.

De facto, tudo indica que esta nova terapêutica pode vir a exercer-se eficazmente em muitos casos em que a medicina de hoje falha totalmente. Não só a tuberculose poderia ser curada, mas outros grandes flagelos da Humanidade, como a lepra, a sífilis, e duma maneira geral as septicémias, poderiam ser combatidas com êxito.

No domínio da especulação filosófica chega-se a conclusões mais surpreendentes ainda. Nesta época de crise, os govêrnos poderiam servir-se da congelação para atenuar o desemprêgo, dando a morte aparente aos sem-trabalho e aguardando tempos melhores para os restituir à vida. Os descontentes com a existência poderiam também suspender durante certo espaço de tempo as suas funções vitais e ser reanimados numa data por êles fixada de antemão.

A máquina aérea a vapor, construida em 1843 por Henson

O PRIMEIRO AVIÃO

Em face dos constantes triunfos da aviação, tem sido feita, várias vezes, esta pregunta:

«Quem foi o verdadeiro inventor dos aeroplanos ?»

As respostas obtidas, ou visaram muito longe ou muito perto. No ponto exacto é que não acertaram nunca, que nos conste.

Enquanto uns evocaram os famosos planos de Leonardo de Vinci, outros exaltaram o invento dos irmãos Wright.

«Nem oito nem oitenta», como diz a sabedoria do nosso povo rude, mas lógico por instinto.

Quem construiu o primeiro aeroplano, tal como hoje o conhecemos, foi o inglês Henson com a colaboração do escossês Geolls que não vacilou em sacrificar a vida na realização das primeiras experiências.

Já lá vão 93 anos.

Se folhearmos os jornais dessa época verificaremos que o arrojado Geolls se meteu na «máquina aérea a vapor» construida por Henson, levantando vôo do alto de uma colina de Dumbuck, nas proximidades de Glasgow, na madrugada de 10 de Abril de 1843.

O peso total do aparelho era de 24 arrôbas, incluindo água e combustivel.

O relatório do audacioso primeiro aviador é o seguinte:

«A's 3 horas e 25 minutos da madrugada tomei lugar no aparelho que ás 4,39 levantou vôo com a velocidade do raio. O mercúrio do barómetro subiu, nêste momento, um décimo e meio. O ângulo do plano inclinado era de 32° e 1/2. Os meus calculos eram exactos. A viagem, começava sob os mais favoraveis auspícios.

«Plenamente confiado, e, conseqüentemente, com o espírito mais livre, podia entregar-me com maior calma às minhas observações. Voltei-me e verifiquei que me encontrava já muito longe da colina que fôra o meu ponto de partida. Mal podia distinguir já a bandeira arvorada no seu cume.

«Conseguira fazer uma ascenção de 625 pés que, acrescentados aos 350 da elevação da colina, davam um total de 975 pés. O termómetro marcava uma temperatura baixissima. Mas, ou fôsse pela emoção, aliás natural, ou pelo calor da caldeira da máquina, não sentia frio algum.

«A máquina funcionava tão admiravelmente, que a força dos seus movimentos ia além das minhas esperanças. Fazia 52 léguas e meia à hora, a 22 minutos da minha saída, conseguira subir a cêrca de uma milha. Não cessava de subir, e a rapidez do vôo aumentava à medida que se ia elevando.

«Deu-se então uma circunstância inesperada que me teria alarmado se não tivesse logo conhecimento da causa. A máquina começou a funcionar com menos força. Ora, estando a uma distância de três milhas da terra, a grande elevação a que chegara era a causa de não ser completo o vácuo no contador. Vi isto, perfeitamente, no indicador do professor Russell.

«Não me espantou, portanto, a diminuição do meu vôo. A rarefacção do ar a uma tal altura, deu-me a sensação que os alpinistas experimentam quando fazem ascenções no Monte Branco. Zumbiam-me os ouvidos, e sentia dôres de cabeça.

«Resolvi baixar, e manter-me a milha e meia da terra, o que consegui facilmente, baixando a «cauda» da máquina que tinha então o ângulo com o horisonte de 9° 3/4, aproximadamente.

«Desde a minha saída da colina, voara sempre a S. O. ou algo a O., com rumo a Ayrshire, e em linha recta de Dumbuck a Ailsa-Craig, onde me dirigia na intenção de desembarcar. Este último ponto era o mais conveniente para lançar de novo a máquina, como o fizera em Dumbuck, onde pensava regressar.

«Começava a amanhecer. O ponto de vista era admirável. Lá no fundo, via o mar, salpicado de barcos a vapor, cuja velocidade, comparada com a da minha máquina aérea, era nula.

«Ah! mas êste belo espectaculo ia acabar mais rapidamente do que eu poderia supôr!

«De repente, deu-se qualquer desarranjo na máquina, e as hélices cessaram de funcionar. Ainda, assim, êste facto não me deu grande cuidado. Henson tinha-me feito compreender perfeitamente que essas hélices eram apenas necessárias à propulsão, e não para suster a máquina no ar. Desgraçadamente, nessa altura, esqueci-me de deixar livre a válvula de segurança, e as conseqüências dêste esquecimento foram desastrosas. A detenção do vapor inutilizou três tubos. A máquina perdeu o equilíbrio, e um dos tubos, saindo do seu lugar, fez estalar um dos braços de bambú. Foi então que senti pavor. A máquina começava a descer aos tombos. O que senti nêsses terriveis momentos só se pode comparar com a angústia que nos oprime durante um horroroso pesadêlo. A morte enlaçara-me e parecia descer comigo numa dança macabra.

«Aturdido, por fim, acabei por ficar insensivel. Quando voltei a mim, encontrei-me estendido num leito confortável e rodeado por médicos e enfermeiros desvelados.

«Doía-me a cabeça, e sentia uma pressão enorme no coração.

«Felizmente, estou quasi restabelecido, e sempre com a firme disposição de começar de novo o meu interrompido vôo».

O que se passou, e o aviador não poderia, contar, foi o seguinte:

Quando a máquina aérea se precipitou no mar, o capitão de um dos barcos mandou imediatamente um barco recolher o intrépido aviador. Este, como vimos, salvou-se, mas a máquina perdeu-se no fundo do oceano.

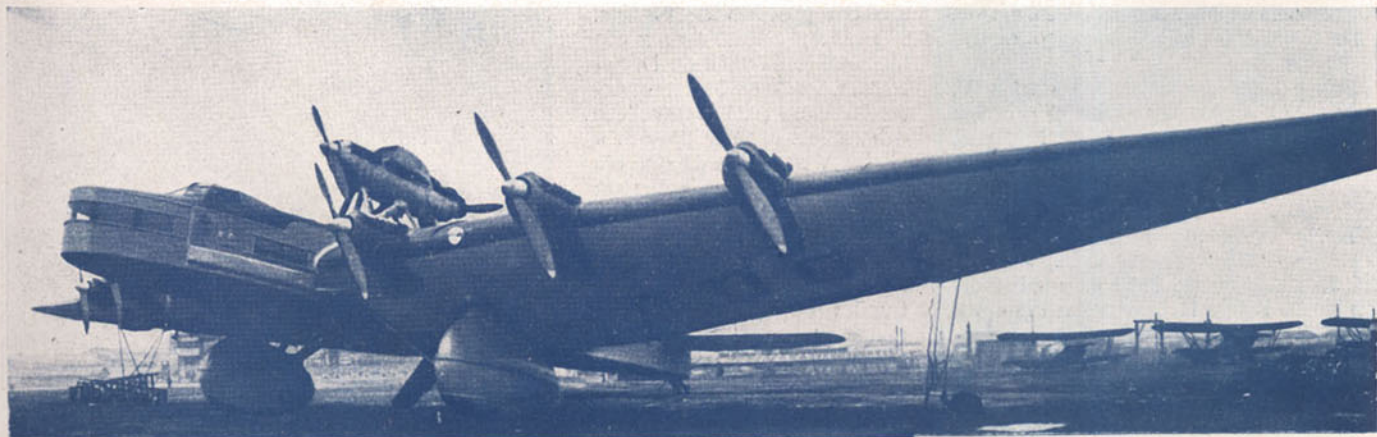
Apesar do desastre, a máquina aérea a vapor construida ha noventa e três anos pelo engenhoso Henson continuará a ser o primeiro avião que houve no mundo, bem que isto pese aos numerosos amigos dos irmãos Wright. Pela gravura que acima reproduzimos dum jornal da época, vêmos que o aparelho engendrado por Henson não faz muita diferença dos aviões de hoje.

Portanto, a César o que é de César...

Um dos últimos modelos da aviação actual

MISTÉRIOS HISTÓRICOS

A vera efígie de D. Sebastião

A não morrer em Africa, teria sido derrotado por sua mãe

D. Sebastião aos 11 anos, por Cristóvão de Morais

Se o rei D. Sebastião conseguisse triunfar em Alcácer-Quibir, é possível que os portugueses não tivessem sofrido a opressão felipina, mas ficariam a execrar a memória dêste inditoso monarca tão mal nascido e desgraçadamente orientado.

Sua mãe, a princesa D. Joana, apesar de se encontrar em Espanha, dominou-o sempre inteiramente com a sua autoridade varonil. Póde mesmo dizer-se que D. Sebastião nada fez durante o seu curto reinado sem ouvir o conselho de sua mãe.

D. Joana foi sempre o braço direito de Felipe II.

Digna filha do ambicioso Carlos V, viera a ser espôsa do enfèzado príncipe D. João, herdeiro da corôa de Portugal, para melhor poder disfarçar a sua missão de zelosa defensora dos interesses de Castela.

Tendo enviuvado após dois anos do seu casamento, regressou a Espanha no dia 15 de Maio de 1554 para substituír seu irmão Felipe II, ausente na Flandres, no govêrno dos reinos de Castela e Aragão. Não deixou, no entanto, de vigiar o filho que lhe ficava na tenra idade de quatro meses, entregue aos cuidados dos sogros, cujo poder sempre desejou controlar.

Na sua comitiva seguia também o pintor Afonso Sanches Coelho que, apesar das muitas finezas que devia a D. João III, não hesitou em seguir a princesa castelhana.

As terras espanholas eram, de resto, suas conhecidas. Após o regresso de Roma, onde o monarca português o mandara educar à sua custa, Sanches Coelho tinha ido mostrar o seu talento através dos domínios de Carlos V. Chamado a Portugal por D. João III, não querendo criar raíses na pátria, aproveitou a saída brusca da mãe de D. Sebastião, para lhe fazer companhia. Quando D. João III faleceu, fulminado por uma apoplexia, a princesa D. Joana enviou um embaixador a Portugal, a lembrar que "o herdeiro da corôa era seu filho, e sôbre êle tinha, portanto, direitos, devendo ser ouvida em tudo o que lhe dissesse respeito, como a escôlha dos mestres e o pessoal da sua casa».

Além disto, o enviado trazia também cartas para algumas das principais figuras da côrte portuguesa, como o duque de Aveiro, o conde de Castanheira, Lourenço Pires de Távora, e o secretário Pedro de Alcáçova, que ficariam sendo sólido esteio para a urdidura da teia em proveito de Castela.

Tão imprudente era a acção hispanófila da mãe de D. Sebastião, que o embaixador, antes de seguir para Lisboa, teve o bom senso de ir mostrar a Carlos V as cartas de que era portador. O velho soberano que, apesar do seu refúgio no mosteiro de Yuste, continuava a ser o mentôr da política mundial, substituiu as levianas instruções da filha por outras mais sensatas, evitando assim possíveis divergências e até desavenças graves entre as casas reinantes de Espanha e Portugal.

A princesa D. Joana, mãe de D. Sebastião, por Sanches Coelho

Foi ainda D. Joana que enviou a seu pai o padre Francisco de Borja, então Comissário Geral dos Jesuitas na Península Ibérica, a-fim de receber a missão secreta de vir a Lisboa assegurar a sucessão do trôno português no princípe D. Carlos, filho de Felipe II, caso D. Sebastião viesse a falecer, como se esperava.

Francisco de Borja, mais tarde arvorado em santo, tão habilmente soube encaminhar as coisas, que poderia considerar-se ganha a causa de Castela.

Enquanto se desenrolavam tôdas estas intrigas, o corregedor da côrte, Simão Gonçalves, assistindo, como lhe competia, à aclamação do rei D. Sebastião — pobre criança de três anos! — não se conteve que não dissesse para quem o quís ouvir:

— Quem quereis que venha a ser o rei de Portugal senão o principe D. Carlos de Castela? Não vêdes que o nosso pequenino monarca come pela mão dos castelhanos?

Este patriótico desabafo do corregedor português foi ouvido pelo embaixador espanhol D. Juan Hurtado de Mendoza, que logo o relatou em carta a D. Joana, rainha de Castela e mãe de D. Sebastião.

Em resumo: se o "Desejado» tem ganho a batalha de Alcácer-Quibir, a influência de tal mãi havia de fazer-se sentir no filho, a ponto de o levar a ofender os mais sagrados sentimentos do povo português que só por patriotismo havia de rodear o Prior do Crato, na ânsia de suster a arremetida do duque de Alba.

Muito se tem falado nos prudentes conselhos dados por Felipe II a D. Sebastião com o fim de o dissuadir da jornada de Africa, não obstante ter-lhe oferecido, a princípio, um certo auxílio que, na hora própria, lhe recusou, deixando-o entregue à sua sorte.

Repare-se, no entanto, que o astuto rei de Castela devia estar bem informado acêrca das coisas de Marrocos, tendo quási como certa a vitória do sobrinho, o que de maneira alguma podia convir ao seu poderio.

E D. Sebastião teria triunfado em Alcácer-Quibir, se não fôsse a sua louca imprudência.

O ilustre escritor José de Esaguy, que há anos se encontra em Marrocos, todo entregue a uma vasta obra patriótica, veio explicar-nos, há tempos, na conferência que realizou na Sociedade de Geografia de Lisboa, as conseqüências do desastrado voto de D. Sebastião, logo após o seu imponente desembarque em Tânger.

"Se vencer — prometera o leviano monarca — passarei pelas águas do baptismo a todo o que tiver o nome de israelita, e exterminarei aquêle que me resistir».

"O voto de D. Sebastião, após tão feliz desembarque — diz José de Esaguy no seu magnífico estudo — veio frustrar os planos de El-Negro. Este que mandara envenenar o sobrinho numa das cabildas próximas a Alcácer, para ter a certeza da vitória, porque os moiros se passariam a seu lado, não contara que El-Moluco *fôra informado a tempo* por certos espias (moiros) de que o desejo expresso do rei português era, não só converter os judeus, como *tôda a gente*, e soubera usar, embora expirando, dêste pretexto, para evitar que as suas tropas se passassem sem combate para as fileiras de El-Negro, que era o legítimo sultão de Marrocos.

"Mas, El-Rei quiz cumprir o voto de Tânger. Descera à planície. E a batalha que fôra de assombroso heroísmo, haveria produzido a vitória definitiva, se o entusiasmo dos vitoriosos, não os levasse ao excesso de abandonarem o pé firme que tinham mantido até meia hora antes do fim trágico».

Sanches Coelho

Em face disto, não será muito difícil a sondagem das verdadeiras intenções de Filipe II, ao tentar dissuadir o sobrinho da sua temerária empresa. E já que êste insistia, apesar de tudo, não seriam as naus nem a gente de Castela que o ajudariam a triunfar.

D. Sebastião entregue à sua sorte, seguiu fascinado por êsse empreendimento aventuroso que, a ter obtido êxito, retumbaria pelo Universo inteiro.

Morto em pleno combate, como competia a um rei cavaleiro, conquistou para a sua memória um tão elevado culto que não seria descabido num tratado sôbre religiões.

O povo português, ao acariciar a lenda do regresso do "Desejado» numa manhã de nevoeiro, mostrava conhecer tão pouco a obra dêste rei, como a sua vera efígie.

Qual será o verdadeiro retrato de D. Sebastião? O que Cristóvão de Morais nos deixou, apresentando-o imberbe, com rôsto menineiro, embora ostentando uma luzente armadura?

Existe um retrato que Sanches Coelho pintou a óleo sôbre cobre, e a casa A. Maurin, de Paris, reproduziu litograficamente, em igual tamanho. E' êsse magnífico retrato que publicamos hoje na capa da "Ilustração». Deve ser o verdadeiro.

Sanches Coelho, sendo o mais habil pintor do seu tempo, conheceu pessoalmente D. Sebastião. Na sua qualidade de pintor da côrte, e profundamente dedicado à princesa D. Joana, teve tempo de sobejo para fixar as feições do moço soberano.

Ora, se D. Joana, ao saber que o filho se encontrava enfêrmo, se apressou a mandar a Lisboa o doutor Almazán, médico da sua câmara, para o tratar, não teria encarregado Sanches Coelho de vir fazer-lhe o retrato? Não seria natural que, ao inteirar-se da obcecação do filho pela jornada de África, quizesse ficar com uma recordação perene?

Seja como fôr, o retrato pintado por Sanches Coelho aí está.

Quem poderá duvidar da sua parecença, tendo sido executado pelo admiravel artista que o próprio Felipe II considerava o "Ticiano português»?

É êste, a nosso vêr, o verdadeiro retrato de D. Sebastião. Além de apresentar traços de família, o que não sucede com todos os outros retratos dêste malogrado soberano, que para aí correm reproduzidos, patenteia também a energia indomável dêsse môço aventureiro que tão heroicamente soube morrer abraçado à miragem enganadora que o perdeu.

Gomes Monteiro.

D. Sebastião, por Cristóvão de Morais

A MULHER
NA ESCOLA INDUSTRIAL

A educação da mulher em Portugal, tem evolucionado muito nestes últimos anos, felizmente para a coletividade. Essa educação que se dava á rapariga, fazendo meninas habilidosas, sem nenhuma utilidade prática e verdadeiras criadoras de horrores, em pirogravura, bordados e pinturas, tende a desaparecer.

Hoje a rapariga recebe iá uma educação prática com utilidade e com base; e, onde se nota mais o magnífico resultado dessa educação é nas Escolas Industriais, que têm uma enorme freqüência feminina. E melhor prova do que êsse ensino póde dar, não se póde exigir, do que a que foi dada pela Escola Industrial Fonseca Benevides no seu concurso oficinal feminino, cuja exposição iniciou com o maior brilhantismo o ano lectivo de 1935-36. Marcou essa exposição a esplêndida orientação, bem definida que lhe dá o seu director tenente-coronel António Baptista de Carvalho, assim como a do professor Leal da Câmara, cuja direcção artística tem impulsionado esta escola, conseguindo milagres das raparigas habilíssimas, com o auxílio das mestras de oficina, que evidenciaram o seu sistema de ensino, no esplêndido resultado obtido.

Este concurso revelou o que póde o ensino técnico quando bem aplicado nos trabalhos femininos e qual a influência dum bom sistema pedagógico quando bem aplicado.

■

O ensino profissional feminino tem a sua técnica ligada, como todo o profissionalismo ministrado nas Escolas Industriais, ao conhecimento das várias modalidades do ensino do desenho e por êste motivo cumpre integrá-lo no ensino técnico e não o colocar em situação apartada, pelo facto de ser trabalho feminino, que a homens nem compete, nem interessa.

As leis que regem o ensino do desenho não escolhem sexos e são gerais. Não surpreendeu aos que conhecem Leal da Câmara um dos professores de desenho desta escola, o exito desta exposição.

O artista, infatigável trabalhador, pintor distinto, caricaturista do «Assiette au beurre», decorador do pavilhão de Moçambique na Exposição Colonial do Porto, expositor de interessantíssimos quadros e desenhos, a tudo o que se dedica é com ardor e com alma.

E o seu lugar de professor é-lhe tão querido que os seus profundos conhecimentos pedagógicos não podiam deixar de produzir os melhores efeitos aplicados ao ensino técnico feminino como se faz actualmente na Escola Industrial Fonseca Benevides, que além deste professor de desenho, mais artistas tem no seu professorado, como Abel Manta o pintor moderno que tanto se tem evidenciado ultimamente, Júlio Santos e Artur Rodrigues da Silva professor de desenho de projecções.

Todo o professorado desta escola merece os mais rasgados elogios e a publicação dos seus nomes, mas por hoje referir-me-hei apenas á exposição organisada por Leal da Câmara com o seu arrebatador entusiasmo.

■

O gracioso concurso de sacos de trabalho sugerido com inteligência pelo director da escola, foi a prova evidente do que póde resultar da aplicação do desenho técnico aos trabalhos femininos e do seu magnífico resultado, não só pedagógico como artístico.

Essas imaginações novas e fecundas, conhecendo as primeiras regras do desenho conseguiram realisar uma infinidade de criações, na forma, no material com que eram executados e na variedade dos trabalhos que estavam expostos.

Desde o simples trabalho feito a ponto pé de flor, ás mais delicadas ornamentações a renda de bilros e os bordados a branco, passando pelos bordados a lãs, pelas aplicações de viezes, tudo nos dava a impressão da arte com que eram, não só executadas, mas compreendidas.

O «macramé», a renda de Irlanda, de Veneza e de Milão, assim como os «crochets» de arte estavam largamente representados.

■

Uma das modalidades pedagógicas que mais interessam é a aplicação do desenho aos ofícios pròpriamente femininos como o ofício de Modista de Chapéus, de Vestidos, de Roupa Branca e o de Rendeira.

Uma mulher com o conhecimento de desenho compreende melhor que deve ser a forma dum chapéu, que tem de adaptar-se ao rosto, ou o corte dum vestido que tem de moldar as formas dum corpo, isto referente à parte técnica sem me referir ao gôsto artístico, que se desenvolve ao mínimo contacto, com as coisas de arte.

Foi na exposição da oficina de chapéus e sobretudo na de vestidos, com a sua graciosíssima exposição de bonecas vestidas segundo os modelos de várias épocas desde 1600 até 1880 e sobretudo o gracioso grupo de trajos regionais portugueses, onde estavam representados todos os mais lindos trajos que existem em Portugal desde a saloia dos arredores de Lisboa que Leal da Câmara tão graciosamente apanha nos seus desenhos, à minhota clássica, não esquecendo a beirôa de Viseu com a sua capa de estamenha, a varina graciosa e gentil, que é um dos mais belos tipos provincianos a que estão habituados os olhos dos lisboetas, que melhor se avaliava o resultado do método de ensino.

■

De tôda esta exposição tão simpática e tão interessante eu trouxe a impressão, que o ensino técnico da mulher portuguesa tem adiantado imensamente e mais adiantará de ano para ano, sendo como é tão hàbilmente dirigido.

Este ensino técnico da mulher tem de interessar tôdas as senhoras de Portugal, que se interessam pelo engrandecimento do país pelo profissionalismo técnico, assunto do mais alto interêsse social, como também pelo seu interêsse próprio.

Continuamente se ouvem queixas de que para ter um bonito chapéu é preciso gastar muito dinheiro, para ter um vestido bem feito é preciso ir a modistas cujas contas causam ataques de icterícia a maridos e a pais, e assim todos estes inconvenientes serão removidos, e com a educação artística das futuras modistas temos assegurado o bom gôsto aliado a perfeição técnica e poderemos orgulhar-nos como os franceses do gôsto e da graça das nossas modistas.

Será menos caro e também melhor executado o trabalho.

Tôda a atenção é pouca para as Escolas Industriais e para o resultado que darão na sociedade futura, as alunas que agora as frequentam, debaixo de tão inteligente direcção e professorado, como sucede na Escola Industrial de Fonseca Benevides, que em tôdas as suas exposições, marca um lugar de brilhante destaque. Melhor que nenhum outro factor, essas escolas contribuirão para integrar a mulher no ritmo da vida moderna, aumentando as suas capacidades de trabalho e desenvolvendo nela essa aptidão tão feminina para cercar a vida da beleza e harmonia.

Maria de Eça.

CONQUISTAS DO CINEMA

A revolução da côr

vai ser um facto dentro de pouco tempo

1936 será o ano da acquisição da côr pelo cinema. Não se trata duma profecia, mas duma previsão lógica, baseada em factos indiscutíveis e defendida pelas principais autoridades técnicas da sétima arte.

As tentativas de reprodução das côres no «écran» são numerosas e, sob uma forma mais ou menos primitiva, têm acompanhado o cinema desde a sua origem. Tôdas elas eram, contudo, prematuras, no sentido que os processos empregados não tinham ainda atingido um grau de perfeição que permitisse ponderar a sua aplicação prática.

Ora é justamente êste ponto fundamental do problema que acaba de ser resolvido. O cinema a côres encontrou um processo, que não é, evidentemente, definitivo, mas se torna susceptível duma exploração industrial regular.

Na realidade, não se trata dum processo novo. O invento que vai conquistar nesta primeira fase os grandes estúdios do cinema é já conhecido há alguns anos e chama-se «Technicolor». Diversos filmes o utilizaram já com maior ou menor êxito. Mas foram os aperfeiçoamentos ùltimamente realizados que lhe rasgaram um futuro brilhante.

O primeiro filme desta nova fase das tentativas para a introdução das côres no cinema foi já exibido em Lisboa e chama-se «A Cucaracha». O êxito obtido por esta produção em todo o Mundo é comparável ao interêsse que, como novidade, despertou. Esse facto levou a empresa que dêle tomou a iniciativa, a realizar obra de maiores proporções. Escolheu um romance célebre de Thackeray, «A feira das vaidades», que crismou de «Becky Sharp», entregou o papel principal à formosa actriz Miriam Hopkins e confiou a realização a Lowell Sherman.

A filmagem foi acidentada por uma série de contratempos. Lowell Sherman morreu. Rouben Mamoulian foi designado para o substituir mas só aceitou com a condição de refazer todo o trabalho. Miriam Hopkins apanhou uma pneumonia, que provocou demorada interrupção na actividade do estúdio. Depois, mais de dois mil metros de negativo já montado, arderam durante as operações do laboratório. E por fim, verificou-se que o registo do som não estava em condições e foi preciso fazê-lo de novo.

Apesar de tudo, o filme completou-se e foi exibido. Público e críticos fizeram-lhe por tôda a parte um acolhimento triunfal. E de tal modo que tôdas as dúvidas que pudesse haver sôbre o futuro do cinema a côres ficaram dissipadas.

Após esta conquista, afirmada de forma tão brilhante, não é lícito supor que o cinema possa continuar a desconhecer a existência dêsse precioso elemento que é a côr. E' fora de dúvidas que a sua adopção definitiva levanta um impressionante número de dificuldades. Mas nenhuma delas é mais grave que tantas outras que pareciam há sete anos entravar os primeiros passos do fonocinema.

Uma dessas dificuldades é de ordem económica. Apesar de reunir um máximo de vantagens práticas, o processo «Technicolor» ainda exige uma iluminação muito mais intensa, maquinismos especiais, um gasto triplo de película e novas operações de laboratório. Tudo isto tem como conseqüência aumentar em 30 % o preço total da produção. Numa época de crise é êste um facto atendível. Mas a necessidade de atrair o espectador pesará mais, decerto, no espírito dos grandes industriais.

A outra dificuldade é de ordem artística. Sendo a vista um sentido muito mais desenvolvido e exigente que o ouvido, a côr vai sugerir críticas mais vivas ainda do que aquelas com que foi saudado o cinema falado ao aparecer.

Este facto é, quanto a nós, inevitavel. Digamos ainda que uma parte das críticas e hostilidades serão motivadas por puro espírito de reacção, que em arte, como em tudo, se obstina contra qualquer inovação. E' de esperar, contudo, que a recente lição do cinema sonoro, a princípio tão ferozmente combatido, esteja ainda bem viva para moderar certos ímpetos.

De resto, tudo isso é insuficiente para deter a marcha do progresso, e êste não pode consentir que o cinema prescinda indefinidamente dum factor tão valioso e tão rico em possibilidades artísticas.

A revolução das côres está, portanto, próxima. E se o total das suas conseqüências é ainda imprevisível, algumas há que se podem considerar já como prováveis.

Assim, um pequeno número de realizadores e artistas verão fechar-se para êles a carreira cinematográfica. Os primeiros por não possuirem a sensibilidade precisa para modelar o novo elemento posto à sua disposição; os segundos por não se encontrarem dotados com êsse conjunto de qualidades a que se passará talvez a chamar «cromogenia» — à semelhante da fotogenia e fonogenia.

A' face das experiências até hoje realizadas, o processo «Technicolor» é particularmenle favoravel às louras e mais ainda às ruivas. As morenas de olhos negros e cabelos de ébano não resultam tão sedutoras na imagem colorida. Foi essa a razão da escolha de Miriam Hopkins para interpretar «Becky Sharp», que deu a esta actriz a honra de ser a primeira entre as grandes «estrelas» mundiais a interpretar um filme em côres.

Greta Garbo e Marlene Dietrich sairão, decerto, vitoriosas desta prova, sobretudo a primeira. Mas algumas outras sofrerão uma terrivel decepção e o seu declínio não se fará esperar.

A única compensação que o cinema a côres traz às actrizes é poupá-las aos torturantes jejuns. De facto, a imagem colorida adelgaça as formas e um ligeiro aumento de peso deixe assim de ter os efeitos catastróficos que hoje tem.

Preparemo-nos, pois, para o filme em côres. A educação dos olhos levará, decerto, mais tempo do que levou a educação dos ouvidos. Mas acabaremos por nos habituar e os filmes em claro-escuro parecer-nos-ão, a partir dêsse momento, tão inexpressivos e incompletos, como hoje nos parecem os filmes mudos.

■

Leon Garganoff e a empresa «Fox – Século XX» trabalham simultaneamente em filmes sôbre a «Rainha do Sabá», a que o conflito italo-etíope, dá neste momento incontestável oportunidade.

■

A Suécia tenta um meritório esforço para fazer ressurgir a sua indústria cinematográfica. Os estudos da Rasunda lançaram ultimamente no mercado trinta produções. Entre os filmes em projecto conta-se «A noite de Valpurgia» de Gosta Ekman.

A actividade dos cineastas suécos é especialmente intensa no domínio dos filmes de pequena metragem de caracter documentário e educativo.

■

Jackie Coogan completou há pouco vinte e um anos. A sua fortuna pessoal ao entrar na maioridade é avaliada em quinze milhões de francos.

Alguns jornais atribuem ao «Garoto do Charlot» a intenção de se dedicar à produção de filmes logo que tenha terminado os seus estudos.

INJUSTIÇAS DE SEMPRE

A paixão da "Linda Inês"

Uma lenda encantadora que encobre uma traição

Este chuvoso mês de Janeiro vem evocar-nos os trágicos amores de D. Pedro I e D. Inês de Castro, aureolados por uma lenda piégas, pois foi em Janeiro que êles começaram e tiveram o mais desgraçado fim. Foi em Janeiro que se fixou a mentira do casamento clandestino dos dois amantes, que Inês foi degolada, e que D. Pedro morreu para ir esconder-se no majestoso túmulo que mandara colocar em frente do da amante, com a significativa legenda: "até ao fim do mundo".

Mas, francamente, a paixão do filho de D. Afonso IV afigura-se-nos o capricho dum louco que tão depressa chora como ri, sem o menor motivo para o fazer. Após os seus tão freqüentes acessos de fúria, descia à praça a bailar com o povo, e, depois de mandar enforcar o marido da Roussada, que cometera o delito de casar com a mulher que seduzira, ia esconder os seus excessos amorosos na alcôva da mãe do Mestre de Aviz. A mutilação que mandou fazer ao seu querido escudeiro Afonso Madeira por êste manter amores com a mulher do corregedor Lourenço Gonçalves, mostra que o rei não fazia justiça, mas satisfazia o seu amor próprio agravado, dando largas a um inqualificável ciume.

Fernão Lopes, na sua "Crónica de D. Pedro I", salienta que o rei procedera assim com o desventurado escudeiro porque "muito o amava, mais do que se devia ali dizer, posta de parte tôda a benquerença"...

Em boa verdade, não se compreende muito bem tão desabalada paixão, pela Inês, a não ser que a tomemos por um dos muitos ataques epilépticos a que êste monarca era atreito.

O "grande desvairo", em suma, como o classificou Fernão Lopes...

Devemos concordar, no entanto, que D. Pedro encontrou fôrma para o seu pé, como é uso dizer-se.

Inês de Castro, trazida para Portugal por D. Constança que viera casar com o infante herdeiro da corôa, não têve a menor relutância em traír a sua raínha e amiga, empolgando-lhe o marido.

Inês de Castro

Ainda D. Constança tentou apelar para os sentimentos religiosos da sua aia e rival, tornando-a madrinha do primeiro filho. Calculava ela que comoveria assim a pérfida que, subjugado por êsses laços de parentêsco, ocultaria de D. Pedro o formoso colo de garça que o estonteava a ponto de o trazer arredio do tálamo conjugal.

Tudo foi em vão, como se viu.

A pobre D. Constança veio a falecer, após dois anos de martírio, tendo apenas vinte e um anos de idade.

E ainda o nosso Camões nos apresenta a traidora "posta em sossêgo", quando nem um momento de sossêgo se dignou conceder à sua vítima!

Ai! da humanidade, se os poetas pudessem ser juizes algum dia!

Existe apenas uma verdade.

Essa "linda Inês", que o cantor dos "Lusiadas" enalteceu como se duma santa ou duma heroína se tratasse, não passou duma ambiciosa espanhola com pretenções de real linhagem, e impelida pelos seus parentes mais ambiciosos ainda.

Julgada sumariamente pelos seus crimes, foi condenada e como tal entregue ao carrasco que lhe decepou a formosa cabeça, dum só golpe.

Passou-se isto no mês de Janeiro de 1355.

A patranha abominável inventada para apresentar os honrados e leais portugueses Pero Coelho, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco como assassinos duma mulher indefêsa, criou tais raizes que o nosso épico imortal não hesitou em tirar daí motivo para um dos mais belos cantos do seu poema.

> *«Tais contra Inês os brutos matadores,*
> *No colo de alabastro, que sustinha*
> *As obras com que amor matou de amores*
> *Aquele que depois a fez raínha,*
> *As espadas banhando, e as brancas flores*
> *Que ela dos olhos seus regadas tinha,*
> *Se encarniçavam, férvidos e irosos,*
> *No futuro castigo não cuidosos.»*

Ora, Inês de Castro foi simplesmente degolada pelo carrasco, e em face duma sentença assinada pelo rei que não quís assistir à sua execução.

O heroico batalhador do Salado, que abrira uma clareira sangrenta, a golpes de montante, por entre matagais de briosos adversários, vacilara ante a execução duma mulher que apenas opunha a defêsa das suas lágrimas. Mas tratava-se de salvar a Pátria dos grifos duma intriga habilidosa urdida por Castela, e que tinha empolgado já o infante D. Pedro, herdeiro da corôa.

A trasladação de Inês para Alcobaça

Não podia haver lugar para piedade. Por isso, o rei, sentindo-se desfalecer, apelou para o bom senso dos seus conselheiros, dizendo-lhes:

" — Lá fazei o quiserdes,"

E D. Inês de Castro foi executada.

O "Livro de Noa", de Santa Cruz de Coimbra, regista o facto nêstes têrmos: *Era MCCC nonagesima tertia VII dies Januarii decolata fuit Doña Enes per mandatum domini Regis Alfonsi iiij.*

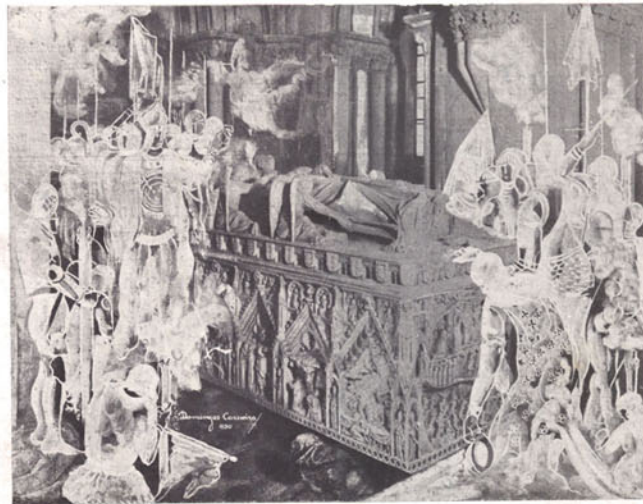
Além disto, temos ainda o testemunho do próprio D. Pedro que fez esculpir, no túmulo que para si destinara, a cêna da decapitação da sua querida amante.

Grande deveria ser a mágua de D. Pedro, chegando a dizer-se que caíu com tal febre que esteve às portas da morte.

Afirmou-se também que a sua fúria o levava "a acutilar as árvores para satisfazer a imaginação que lhas representava como vultos de vivos delinqüentes."

Isto não obstou a que o apaixonado D. Pedro continuasse os seus amores com D. Teresa Lourenço que, pouco depois, lhe havia de dar um filho que viria a ser Mestre de Aviz e fundador da segunda dinastia.

Quando em 1357 subiu ao trono por morte de seu pai, D. Pedro, na intenção de legalizar os seus criminosos amores com Inês de Castro, engendrou a mentira de ter casado à face de Deus e dos homens, num dia que não podia precisar, pois não se recordava, embora soubesse que tinha sido em Bragança. O criado Estêvão Lobato, fortalecendo a declaração do amo, soube mentir com maior desassombro, pois garantiu que a tal cerimónia do casamento se efectuara no dia 1 de Janeiro de 1354.

D. Pedro acrescentou ter procedido assim tão secretamente para não desgostar seu pai que não via com bons olhos esta ligação. Todas estas patranhas eram juradas ao rei, com a mão espalmada sôbre os Santos Evangelhos!

Entre os fumos da lenda

Os ouvintes, embora prelados e fidalgos, na sua maior parte, compreenderam a mentira, mas aceitaram como exactas as palavras do soberano, sendo lavrado o competente auto.

Só mais tarde, por morte de D. Fernando, é que surgiu o famoso doutor João das Regras a estabelecer a verdade, nas côrtes reunidas em Coimbra para a escôlha de rei.

Demonstrou o eloqüente jurisconsulto que D. Inês de Castro nunca fôra mulher de D. Pedro, tanto mais que êste, em vida de seu pai, afirmara sempre não estar casado.

"O facto de D. Afonso IV mandar matar D. Inês de Castro — acrescentava João das Regras — mostrava considerá-la manceba do filho, e não mulher. Quando foi da declaração feita por D. Pedro, em Cantanhêde, de que estava casado, não se compreendia que se tivesse esquecido do dia e do mês em que se casou, tanto mais que êsse dia fôra de grande festa — o dia 1.º de Janeiro, o dia do Ano Bom!"

Inês implorando a piedade de Afonso IV

João das Regras considerou também "inaceitavel a desculpa de que não declarara o seu casamento ao rei por não o desgostar, quando durante tôda a sua vida não fizera outra coisa senão desgostar o pai, já namorando D. Inês, já filhando-a, já, depois que lha mataram, fazendo devastadora guerra contra Afonso IV!"

E, elevando a sua voz trovejante, o grande advogado preguntava e respondia:

— "E porque não disse, logo depois da morte de seu pai, que estava casado, e esperou quási quatro anos, para o declarar? Porque gastou êsses anos a vêr se conseguia do Papa a legitimação do casamento, ou, pelo menos, a dos filhos; e, como nada conseguisse, serviu-se da bula, de que até ali se não quisera nunca servir — a velha e contestada bula do Papa João XXII, que tudo permitia..."

E foi nisto que tôda essa grande paixão chafurdou.

Hoje ainda ha quem afirme ter visto uma madeixa dos louros cabelos da "linda Inês", guardada religiosamente quando da abominável profanação levada a cabo pelos soldados de Napoleão que julgavam encontrar tesouros escondidos nos famosos túmulos de D. Pedro e da sua amante.

Houve até quem afirmasse que parte dessa relíquia foi para Espanha onde é conservada como precioso amuleto. Será assim?

Em boa verdade, a pérfida aia da desventurada D. Constança conseguiu um culto "porque morreu de amor" e, como tal, teve as honras de ser "raínha depois de morta".

Nem só a virtude merece prémio...

PROBLEMAS DA CONFERÊNCIA EM LONDRES

A LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS NAVAIS

A paridade anglo-americana. — As reivindicações japonesas. — A abolição dos submarinos

O ano que findou deixa em suspenso uma questão da mais alta importância para a paz do mundo — a limitação dos armamentos navais.

Dêsde 1922 que a proporção entre as marinhas de guerra das grandes Potências se encontrava fixado pelo célebre Tratado de Washington, reforçado em 1930 pelo Pacto das Três Potências. Êsse tratado garantia a paridade entre os Estados Unidos e a Inglaterra, dava um segundo lugar ao Japão, com uma percentagem de cêrca de 60 % sôbre os dois primeiros, e um último lugar à Itália e à França, correspondente a pouco mais de metade do anterior. Além disso, o Tratado de Washington estabelecia a limitação qualitativa, isto é, por categorias de navios e respectivos armamentos.

Em princípios de 1935, o Japão notificou às Potências contratantes, e denuncia das clausulas dêsse tratado, cuja validade expira em 31 de Dezembro de 1936. Por êsse motivo reuniram-se agora em Londres os delegados de Inglaterra, do Japão, dos Estados Unidos, da França e da Itália, para fixar os termos dum novo acôrdo.

Nos catorze anos de vigência do Tratado de Washighton, a situação modificou-se, porém, extraordinariamente. O problema comporta hoje outros dados e a renovação do acôrdo em bases idênticas às de 1922 é impossível. A conciliação das diversas teses afigura-se, portanto, dificílima, se não impossível.

Na realidade a questão desdobra-se em vários problemas que se defrontam nêsta conferência de Londres com resultados incertos.

Há por um lado o problema do Pacífico a que se liga a influência na China, condicionada pelo Pacto das Nove Potências. Este Pacto visa a garantir o regime da «porta aberta», no Celeste Império.

Para assegurar o seu predomínio nessa região do Pacífico o Japão não carece de barcos com grande raio de acção, visto que as suas numerosas bases navais ficam a pequena distância umas das outras. Assim, os delegados nipónicos reivindicam em primeiro lugar a abolição dos limites por categoria, ou seja, a faculdade para cada país de construir as unidades que entender dentro da tonelagem global fixada. Por outro lado, o Japão reclama a paridade com a Potência mais forte. De facto, essa paridade resultaria em nítida supremacia na zona ocidental do Pacífico. E não pode ser justificada por um natural desejo de segurança, porquanto os Estados Unidos nunca se opuseram às numerosas violações do Pacto das Nove Potências cometidas pelo Japão, o que significa que a supremacia naval nipónica é já hoje um facto.

A Conferência Naval reunida em Londres, na sala Locarno do Ministerio dos Negocios Estrangeiros

A Inglaterra, por seu lado, parece ter abandonado a partida do Extremo Oriente. Mas concentra todo o seu interêsse nas vias de comunicação do Império. O desenvolvimento da marinha italiana causa-lhe evidentes apreensões, mais acentuadas desde o conflicto ítalo-etíope. A supremacia no Mediterrâneo e no Mar Vermelho é para ela uma questão vital, em que não será possível levá-la a transigir. Além disso, o recente acôrdo naval com a Alemanha criou-lhe novo problema no Mar do Norte. Dentro de poucos anos a esquadra germânica equivalerá a um terço de tôda a esquadra britânica. Com a diferença de ser constituida por barcos novos e poder concentrar-se inteiramente no Mar do Norte, ao passo que os ingleses são obrigados a dispersar as suas fôrças ao longo do extenso caminho para as Indias.

A paridade com os Estados Unidos pode ser fàcilmente mantida. A máxima tonelagem admitida para os grandes couraçados é hoje de 35.000 toneladas. A esquadra norte-americana do Pacífico e do Atlântico comunica em poucas horas pelo canal do Panamá. Este canal não é, porém, acessível a embarcações duma tonelagem superior. Basta, portanto, que a Inglaterra ameace construir gigantes de 40 ou 50 mil toneladas, — o que obrigaria os Estados Unidos a ter duas frotas distintas, uma no Pacífico e outra no Atlântico —, para que o Govêrno norte-americano se prontifique a chegar a acôrdo.

Já o mesmo não se dá com os submarinos. A Inglaterra defende a abolição dessa arma. Mas opõem-se a isso, a França — que possui a maior esquadra de submarinos do mundo — a Itália e o Japão, êste último pelas razões já expostas, que o levam a pretender uma esquadra constituida por unidades ligeiras e numerosas.

Nestas condições, é possível que por iniciativa da Grã-Bretanha se adopte uma nova política, aliás já definida no Parlamento britânico pelo Primeiro Lord do Almirantado. Essa política consistiria no abandono do princípio da proporção e sua substituição pela do programa.

Assim, cada potência seria convidada a indicar os seus projectos em matéria de construções navais até 1942. Uma vez recolhidas as respostas, que deveriam ser simultâneas, entrar-se-ia no campo da discussão, para encontrar uma divisão de forças susceptível de garantir a paz mundial, tirando a qualquer acto de agressão todas as probabilidades de êxito.

Como vemos, esta solução não faz mais do que rodear o problema, sem atacar o fundo da questão. Mas no momento presente todas as fórmulas se afiguram dignas de consideração, desde que ofereçam uma possibilidade de se chegar a acôrdo, ainda que provisório.

Perante a complexidade de todos estes problemas, a conferência reunida em Londres adiou os seus trabalhos para 6 dêste mês. E é bastante difícil prever se conseguirá encontrar um compromisso que evite por algum tempo uma corrida desenfreada aos armamentos navais.

M. R.

A descoberta do Rio de Janeiro

Trinta e dois anos decorridos sôbre a descoberta do Brasil, que imortalisou o nome de Pedro Alvares Cabral, o bravo Martim Afonso de Sousa, tendo aportado naquelas paragens, descobriu o Rio de Janeiro.

Quási que nem se fala neste feito que é de altíssima importância, e talvez o único decente de todo o deplorável reinado do «Piedoso». Sem a sua acção benéfica, teria fracassado uma das mais admiráveis proezas de Portugal descobridor.

D. João III, inquieto com as constantes visitas dos espanhois ao Rio da Prata, e com as sondagens disfarçadas e ardilosas que os franceses procuravam fazer ao longo da costa brasileira, decidiu tomar uma atitude que fizesse valer os seus direitos.

Mandou aprontar uma expedição de cinco naus com quatrocentos homens de tripulação, e procurou um bravo que fôsse capaz de a comandar.

Entre muitos, preferiu Martim Afonso de Sousa que, além da bravura, era um dos mais aplicados discípulos de Pedro Nunes. A-pesar-da sua pouca idade, tinha feito realçar a tal ponto os seus merecimentos perante o soberano, que êste o admitira no seu conselho.

Seria, pois, Martim Afonso, o comandante da expedição.

Nessa viagem, o jovem capitão fez observações importantíssimas que se apressou a comunicar ao grande matemático, seu mestre. A certas dúvidas que igualmente lhe expôs, Pedro Nunes respondeu nos «Tratados das Cartas de Marear» què andam apensos ao «Tratado da Esfera».

Aproando à Baía de Todos os Santos, o nosso Martim Afonso encontrou-se com o também nosso Diogo Alvares que tivera artes de se fazer adorar pelos índios sob a designação de «Caramurú».

Dali, o jovem navegador tomou o rumo do sul, e foi dar a uma esplêndida baía a que pôs o nome de Rio de Janeiro por supôr estar na foz de um grande rio, e por ter entrado nela no dia 1 de Janeiro de 1532.

E assim ficou descoberto o maravilhoso rincão em cujo seio fertil e gracioso havia de lançar alicerces a grandiosa capital brasileira.

Martim Afonso, arvorado em governador da Nova Lusitânia, como o rei D. João III o designara, deu largas aos seus vastos podêres, repartindo terras por quem as quizesse, criando oficiais de justiça e tabeliães, intensificando, em suma, uma bem orientada colonização.

Durante os três meses que se demorou na baía do Rio de Janeiro, fez construir dois navios sob as suas ordens.

Sempre atarefado com a sua obra, seguiu viagem para fundar numa ilha a primeira colónia portuguesa a que deu o nome de S. Vicente por ser êste o santo do dia em que a fundara. Começava bem o jovem capitão. Dando foros de vida à nova colónia, mandou construir na sua visinhança o primeiro engenho de açúcar que houve no Brasil, e que foi montado por técnicos madeirenses.

Não satisfeito ainda com a sua acção, foi dar a um local imponente, fundando ali a vila de Piratininga, de que havia de surgir a majestosa cidade de S. Paulo.

Quando regressou a Lisboa, obteve uma recepção entusiástica, sendo logo nomeado pelo rei, que se mostrava encantado com tal servidor, capitão-mór do Mar das Indias.

Com a morte do vice-rei D. Garcia de Noronha, foi nomeado Martim Afonso para lhe suceder, embora se encontrasse ausente. Entretanto, a intriga fervilhava na côrte de D. João III, acabando por ser nomeado Estêvão da Gama.

A estas intrigas, outras intrigas se sucederam ..

Martim Afonso conseguiu, finalmente, ser arvorado em vice-rei, conforme planeara. Mas o seu govêrno—justo é confessá-lo — tornou-se o mais ruinoso que pode imaginar-se.

O inteligente e zeloso colonizador, que tão simpático se tornara nas terras brasileiras, transformara-se num verdadeiro salteador que não teve o menor escrúpulo em saquear até um pagode sem o menor respeito pelas crenças dos índios que tão carinhosamente o tinham acolhido.

Mercadejava com tudo que pudesse render algum oiro.

Do antigo capitão intrépido, leal e cumpridor restava apenas um bandoleiro sem fé nem lei.

Se um outro Martim Afonso de Sousa, talvez seu parente, que se batera heróicamente em Aljubarrota, ao ser ferido pela viuvez, trocara a armadura pela estamenha para se refugiar no claustro de Santa Cruz de Coimbra, onde acabou os seus dias, êste Martim Afonso não estava disposto a seguir o exemplo do seu homónimo. Pelo contrário, ansiava tornar-se rico e poderoso para melhor poder gosar os prazeres terrenos.

Tendo um humilde nascimento, desejou títulos e honrarias de grande senhor. Seu pai havia sido simples criado da Casa de Bragança... Pois bem: êle renderia culto à memoria do autor dos seus dias, aparecendo em Portugal tão imponente, ao cabo de tão longas e trabalhosas jornadas, que D. João III o transformou logo em Senhor do Prado e Alcoentre, e alcaide-mór de Bragança com o senhorio de Rio Maior.

Como bom discípulo do grande matemático Pedro Nunes, soubera fazer os seus cálculos, tanto nas viagens marítimas, como na maneira de singrar na vida.

E, pelo visto, singrou espaventosamente...

A magnifica baía que deslumbrou Martim Afonso de Sousa

Cleópatra na sua côrte

O ENCANTO DOS DEFEITOS

Quem feio ama, bonito lhe parece

Belas com senões, que triunfaram

Não se desgostem as damas que, pela crueldade do Destino, apresentam defeitos irreparaveis. Nem por isso deixarão de despertar paixões, à semelhança de tantas mulheres famosas que endoidaram reis e fizeram ruír impérios, apesar das suas mazelas visíveis.

A tôdas as pretenciosas de hoje, que se consideram formosuras perfeitas e impecaveis, poderão responder afoitamente que, após séculos e séculos de experiências, deu sempre certo êste adagio inexoravel como uma sentença divina: «não há bela sem senão».

Tôda a gente fala na formosissima Cleópatra que fez andar Júlio Cesar com a cabeça à roda, acabando por desgraçar o confiado Marco António.

Pois fiquem sabendo que esta mulher fatal nada devia à beleza, possuíndo até um nariz de tais dimensões que desfeava o rosto mais correcto. Hoje teria remédio, pois ha cirurgiões especializados na correcção da beleza, mas naquêle tempo, a pobre rainha do Egipto teve de se conformar, e tirar efeitos dos próprios senões.

Embora apoquentada com as respeitaveis dimensões do seu apêndice nasal, Cleópatra, ao defrontar-se com Júlio César, procurou cativá-lo por todos os meios. Quando viu que a fascinação dos sentidos a tornava o árbitro do dominador do Mundo, transformou-se numa estranha e admirável criatura, estudando as fraquezas dos homens, aprendendo a brincar com os sentimentos e as paixões masculinas, arvorando-se em mestra na arte de agradar, de seduzir e de dominar o sexo que, por ironia talvez, teima em chamar-se forte.

Unindo à sua inteligência vigorosa uma profunda experiência do coração humano, Cleópatra transformou-se numa mulher perigosíssima.

A grandeza do seu nariz era esquecida, porque da sua pessoa emanava como que um eflúvio subtil que sugestionava e atraía, escravizando as vontades com cadeias de flores engrinaldadas de beijos.

Quando Júlio César partiu do Egipto deixou Cleópatra sentada firmemente no seu trono. E, assim, a rainha nariguda reinou durante seis anos com extraordinária inteligência, mantendo a ordem e a segurança dos seus domínios, e protegendo com o maior carinho as artes e as letras.

Após o assassínio de César, surgiu Marco António que, em vez de subjugar a rainha egipcia, ficou subjugado por ela, envolvendo-se em guerra com o seu patrício Octávio.

Ao cabo de sete dias de resistência heroica, as tropas de Marco António, não vendo aparecer o seu chefe, julgaram-no morto e entregaram-se sem condições aos generais de Octávio que, por êste facto, ficou senhor do império universal.

Após tantas calamidades, Cleópatra decidiu dar cabo de si, e assim desapareceu a sua maravilhosa figura... e o seu nariz portentoso.

E a La Vallière?

Poderá alguém duvidar da abrazadora paixão que soube despertar em Luiz XIV? Pois fiquem sabendo que esta formosa dama era côxa!

Diz o ilustre Sainte-Beuve que «as três mulheres que ocuparam verdadeiramente o espírito dêste rei, e que partilharam do seu coração e do seu reino foram a La Vallière, a Montespan e a Maintenon». No entanto, o imparcial historiador salienta que «das três, a primeira foi a mais interessante, a única verdadeiramente interessante em si mesma».

Vencida, por fim, pela perfídia, que não pelos encantos das duas rivais, a La Vallière, apesar de côxa, pôde orgulhar-se de ter dominado aquele poderoso soberano como as sãs e escorreitas nunca souberam fazer.

Princeza de Eboli

Que continuassem a chamar «Rei Sol» ao régio amante, se isso poderia beneficiá-las no campo da lisonja. Por si podia dizer que um tal astro deslumbrador nunca a deslumbrara, antes fôra deslumbrado por ela, por essa côxa de quem as outras mulheres troçavam.

O seu fim no Convento das Carmelitas, tornada em Sóror Luiza da Misericórdia, foi o mais belo que poderia ter. Isolada do mundo, ainda na pujança da sua mocidade, a duquesa de La Vallière ocultou dêsse mesmo mundo ingrato e perverso as fases pungentes do seu envelhecer. Todos a verão sempre formosa como uma Maria Madalena, sobraçando a cruz da sua fé e a caveira das suas desilusões, tal como a retratou o pintor Felipe de Champaigne.

Mas não fica por aqui a lista das defeituosas que triunfaram.

A princesa de Eboli, apesar de ter um ôlho vasado, despertou tão violenta paixão no taciturno Felipe II de Espanha, que ia dando cabo da tradicional austeridade deste soberano.

Eis, em breves traços, a sua vida aventurosa:

Tendo apenas treze anos de idade, casou com o príncipe de Eboli, conselheiro e amigo do rei. Tempos depois corria por toda a côrte a notícia do escândalo. A princesa conseguira dominar com um ôlho só catorze adoradores, entre os quais o próprio soberano que se presava de passar por austero. Verdade seja que a austeridade do filho e sucessor de Carlos V se baseava num mero convencionalismo. O bisonho rei, na sua astúcia de raposa, seguia o velhíssimo preceito: «Quando não sejas casto, sê cauto». Em todo o caso, nêste feio caso da princesa de Eboli, Felipe II mostrou ser muito pouco prudente.

Enviuvando, a princesa acrescentou à lista dos seus adoradores o celebrado António Perez, secretário do rei. Dir-se-ia que êste homem, na ânsia de ajudar em tudo o seu amo, não quiz deixá-lo sosinho nos seus devaneios. Tudo corria às mil maravilhas, quando surgiu um grave contratempo. Tinha chegado, nesta ocasião, a Madrid, o audacioso Escobedo, homem da confiança de D. João de Austria, que ia dar conhecimento ao monarca da boa marcha da campanha empreendida na Flandres.

Imperatriz Josefina

Esperto como era, Escobedo descobriu, a breve trecho, a intimidade existente entre a princesa de Eboli e António Perez, ameaçando-os de relatar tudo ao soberano, se não puzessem côbro a tão feia acção.

Em face deste perigo, foi procurado pelos dois amantes o melhor meio de se verem livres do importuno puritano. António Perez intrigou Escobedo de tal maneira junto de Felipe II, que êste mandou apunhalá-lo, acto contínuo. Perez fizera crêr ao rei que o emissário de D. João de Austria tinha por fim urdir uma conspiração por conta de seu amo que, como irmão do rei, lhe disputava a corôa.

Duqueza de La Vallière

E acrescentava que como Felipe III lhe tivesse recusado o título de «Alteza», D. João de Austria, aconselhado por Escobedo, pretendia fazer-se coroar rei dos Países Baixos, e casar, em seguida, com Isabel de Inglaterra, no firme propósito de disputar à Espanha o domínio dos mares e, com êste, o seu império colonial.

Imperatriz Eugénia

Como se verificou, Felipe II mandou assassinar o pobre Escobedo, cujo único delito consistira em ser-lhe dedicado e leal.

Pouco depois, o rei era informado da falsidade de Perez que foi parar a uma masmôrra. Quanto á princesa de Eboli foi desterrada para longe da côrte e recolhida numa espécie de prisão.

E assim terminou a vida aventurosa dessa mulher que incendiou corações com o fogo abrazador dum único ôlho que possuía. Se tem a sorte de ter os dois, teria feito arder a Espanha inteira...

Outra beldade perigosa foi a viuva Josefina Beauharnais que, apesar de ter uns dentes horrorosos, cativou Napoleão Bonaparte, tornando-o ridiculamente seu escravo. Era de tal natureza o seu defeito que Josefina, para o ocultar, usava um lencinho de rendas que levava aos lábios sempre que ria.

A imperatriz Eugénia de Montijo, que Napoleão III fôra desencantar para esposa, tinha o notável defeito de ser estreita de ombros. Isto originou o célebre remoque que a ridicularizava, afirmando «ter ido tudo para o marido que tinha as costas largas».

Embora se deixasse pintar de ombros nús, como se usava naquela época, a imperatriz Eugénia procurava todos os artifícios das suas modistas para disfarçar o seu defeito.

Após êstes e tantos outros exemplos ainda haverá quem se lamente dos seus defeitos físicos?

A Vénus de Milo — reparem bem — apresentando-se com as suas bárbaras mutilações, continúa a ser a mágica beleza que todo o mundo adora com fervorosa idolatria.

ANO Novo! Vida Nova! eis o que tôda a gente apregoa, acalentando a mirrada esperança de mais ditosos dias que os orvalhos da noite de S. Silvestre fazem reverdecer todos os anos.

É uso desejar-se, nesta quadra de Boas Festas, um Novo Ano feliz a tôdas as pessoas que estimamos e até àqueles que mal conhecemos.

Um Novo Ano feliz!

Mas existirá neste Mundo a Felicidade?

Nas lindas histórias de princesinhas loiras apareceu sempre um pagem sonhador, suspirando endeixas por entre lágrimas à eleita do seu coração. Ambos desejariam ser felizes... Ah! mas a Felicidade que, uma noite, visionaram num beijo trocado furtivamente entre os macissos de verdura do jardim do castelo, estava mais distante do que a lua que os envolvera na fria mortalha do seu palor luzente.

A Felicidade! Quem a viu? Quem a conheceu? A' semelhança de Deus, a Felicidade pode estar em tôda a parte, mas sempre invisível aos olhos humanos.

Para a vermos, precisaríamos do estado de graça das almas puras que desconhecem os egoismos, as traições, as falsidades, e nunca ambicionaram impérios, nem majestades aparatosas.

Mas como pode a Felicidade estender as suas asas serenas sôbre o mundo, se os homens se empenham, e cada vez com maior encarniçamento, numa luta de extermínio e destruição?

A cavalgada lá vai, desenfreada, louca, substituindo, de tempos a tempos, o seu comandante que tanto pode ser Átila como Tamerlão, Júlio Cesar como Felipe II, Napoleão como Bismark, o imperador japonês como Mussolini.

Há séculos e séculos que dura essa galopada trágica engendrada pela maldade humana para dar caça à Felicidade.

Daí a sua fuga constante para não ser esmagada como Spartacus ou crucificada como Jesus.

Onde terá ido refugiar-se?

No tal castelo doirado que a nossa fantasia construiu no alto de um rochedo tão inascessível e áspero que nem as próprias águias ousam fazer ali o seu ninho?

O pintor Rafael Romero Calvet esboçou magistralmente êsse castelo traiçoeiro que nos atrai irresistivelmente para a desgraça. Um sonhador, de olhos postos nessa enganadora miragem, não vacila em seguir pela única passagem ao seu alcance, e que os espíritos do mal levantaram, ocultando uma armadilha diabólica. Mais dois passos, e o seu corpo irá, despedaçar-se, aos tombos, de escarpa em escarpa, por entre as risadas sinistras dos monstros que o espreitam.

O excelso poeta das "Claridades do Sul» visionou também êsse antigo palácio tentador, ante cujos destroços murmurou em prece estes versos que bem traduzem as suas máguas irreparáveis:

Houve outrora um palácio, hoje em ruinas,
fundado numa rocha à beira mar...
donde se avistam lívidas colinas,
e se ouve o vento nos pinhais prègar,
Houve outrora um palácio hoje em ruinas...

....

Só resta uma varanda solitária,
onde médra uma flor que bate o norte,
sacudida da chuva funerária,
lavada de um luar branco de morte.
Só resta uma varanda solitária...

....

A caça da Felicidade – quadro de Henneberg

ANO NOVO VIDA NOVA!

Onde está a Felicidade?

Dão-se alvíçaras a quem a encontrar

Vai tu, ó minha dôr, a êsse [palácio
e arranca-lhe essa flôr! Vai [sem tardança.
Como um guerreiro audaz do [velho Lácio
arranca-a... e calca-a aos pés, [porque é a Esp'rança.
Vai tu, ó minha dôr, a êsse [palácio!...

O pagem suspirte o balcão vasio

Outro grande poeta, cantando o palácio da Ventura, coloca-o numa alta colina à beira-mar, radioso, deslumbrador à luz do sol, quando visto a uma grande distância. Todo aquêle que ousar aproximar-se-lhe, após uma jornada extenuante em que rasgará os pés nas arestas do caminho pedregoso, irá dar ao cairel de um abismo, onde só lhe restará precipitar-se.

O palácio da Felicidade será tão belo, consoante o engenho da nossa fantasia, mas apenas observado de muit longe. Como no templo sagrado do deus Indr de que nos fala a lenda, todo o profano qu ouse penetrar os seus humbrais de topázios e es meraldas, pagará com a vida o seu atreviment

E, nêste mundo, todos sômos profanos.

Conquistar a Felicidade, tal como os poetas cantam e os pintores a simbolizam, seria o mesm que desejar um bloco de lua para mandar faze uns brincos à mulher amada, ou um pedaço de so para aquecimento constante nas longas noites d inverno.

No famoso quadro em que o pintor Henneber representou "A caça da Felicidade» encontraremo mais ensinamentos que num substancioso tratad de muitos milhares de páginas.

Um cavaleiro louco corre, a galope desfeit atrás da caprichosa Fortuna. O inspirado artist germanico quis simbolisar nêle todo o século XV um dos mais flagelados por sanguinárias convul sões que, visando conquistar a Felicidade, desen cadearam sôbre o Universo os horrores das de vastações.

Nada mais eloqüente. O cavaleiro representad no quadro afronta todos os perigos, numa ânsi desesperada de honrarias e prazeres, atropeland tudo e todos, sem a menor noção da sua condição aviltante de mercenários ás ordens dum outro ambicioso que lhe alugara a espada, a coragem e até a vida.

Ao lado dêste aventureiro, e sem que êste o pressinta, cavalga a Morte, ostentando o seu tétrico estandarte vitorioso.

Hipnotisado pela Fortuna que lhe vai fugindo ardilosamente, o louco mancebo fita o olhar cubiçoso na corôa esplendida a que se julga com direito, confiado na certeza de estar prestes a alcançá-la.

Corre sôbre um estreito madeiramento quebradiço, sob o qual se abre um precipício horroroso em que irá precipitar-se sem remissão. A prudência, representada por uma mulher — mãe, espôsa ou filha — que pretendeu detê-lo na senda da perdição, jaz de rastos, atropelada pelo fogoso corcel.

Nada mais verdadeiro.

O homem foi sempre assim. Sofre, mortifica-se e perde-se pela sua ambição desmedida. Quando milionário, deseja possuir muito, e nessa luta sucumbe, afadigado e aflito, sem nunca ter alcançado um momento de repouso para o seu espírito em ebulição permanente; quando dominador de um povo, aspira conquistar o mundo inteiro que, no fim de contas, acharia pequeno e ridículo para a expansão prodigiosa da sua soberania. Todos se empenham nêste combate feroz à procura da esquiva Felicidade que ainda ninguem viu nem conheceu no longo decorrer de dez mil anos.

O traiçoeiro palácio da Ventura — desenho de Rafael Romero Calvet

Felicidade! Felicidade! Onde se encontrará ela?

Qualquer filósofo da antiguidade nos indica o caminho mais seguro, e, no entanto, ainda ninguem o alcançou! Esses preciosos ensinamentos perderam-se sem encontrar éco nas multidões como a voz que clamava no deserto.

Felicidade! Onde será o teu refúgio?

Que cada um a saiba procurar sem o alarido das paixões nem o estridor das invejas, numa romagem calma através desta vida que sendo tão curta e tão frágil, não têm arcaboiço para semelhantes convulsões.

E, assim, serenamente, como o rude agricultor que, à força de hábito, já não sente o peso da enxada com que revolve o ventre fecundo da terra donde sairá o abençoado pão de cada dia, é possível encontrar a apetecida Felicidade.

Que cada homem se baste a si mesmo pelo seu esfôrço, respeitando os direitos do outro homem, para que os seus sejam igualmente respeitados.

Se a nossa mísera condição nos faz ambiciosos e maus, egoistas e invejosos, façamos um esfôrço e procuremos corrigir quanto possível os nossos defeitos, tendo sempre presente o grande ensinamento do Poeta:

O intransigente heroi, inquebrantavel, recto,
Que pudér dominar seu coração abjecto
Será, como Jesus, dominador do Mundo.

Será possível? Daqui a um ano, quando voltarmos a desejar Bôas-Festas e mil prosperidades aos nossos queridos leitores, ser-nos-á grato saber que a suspirada Felicidade foi bater à porta de todos êles.

E, embora, essa deusa esquiva e caprichosa, evite por sistema todo e qualquer contacto com os mortais, é possível que se resolva, por fim, a confraternizar com algumas almas eleitas.

A desvairada carga das ambições

O homem ante o pavor

UM FLAGELO LENDÁRIO

O Medo e os medrosos

Heroi é o que se vence a si mesmo

De todas as enfermidades que podem afligir o género humano, o mêdo é a pior de todas por ser a mais ridícula. Não é incurável, visto os médicos a considerarem um simples desequilíbrio de nervos, e, portanto, susceptível de correcção. Ora, se tratamos de curar uma febre tifoide, uma úlcera no estômago, e até um cancro, quantas vezes sem a mais leve esperança, porque não havemos de tentar curar o mêdo que nos envergonha?

Nem só as crianças, aureoladas pela sua ingenuidade encantadora, têm mêdo do "papão" que as virá buscar se não se portarem com o juizo de pessoas crescidas.

O rei D. João II, que foi um homem ás direitas, fez muitas vezes o papel de petiz assustado. Garcia de Rezende conta que êsse monarca, alta noite, se precipitava do leito, em trajos menores, fugindo ao espectro do duque de Vizeu que lhe aparecia em sonhos, todo ensangüentado.

O terrível imperador Calígula, quando ouvia trovejar, tremia como varas verdes, acabando por gritar, com os punhos cerrados para o céu:

"Se não me matas, mato-te eu!"

O miserável tirano julgava disfarçar assim o seu terror ante os seus vassalos, e manter um prestígio que nunca teve nem poderia ter.

Por sua vez, o imperador Augusto sentia um tal terror dos trovões e dos relâmpagos, que, logo que os pressentia, corria a esconder-se numa cisterna, mantendo-se com água até o pescoço durante horas e horas. O próprio Júlio Cesar sentia o mesmo terror. Quando ouvia trovejar, refugiava-se num subterrâneo, e para se garantir contra os raios, trazia sempre consigo uma pele de foca. Este mêdo viera-lhe de um incidente na guerra que empreendera contra os cantábrios. Durante uma marcha efectuada, de noite, através duma floresta, um raio fulminára um dos escravos que rodeavam a liteira. Desde então nunca mais deixou de tremer ao sentir aproximar-se a trovoada.

O mêdo da morte deve ter a duração do mundo. O indivíduo mais valente que possa aparecer, defrontará com ânimo uma dezena de homens, na firme disposição de trincar-lhes os fígados. Mas, se o convidarem a atravessar um cemitério, ao dar da meia noite, ha de vacilar, empalidecer e esquivar-se.

Em tempos idos, num hospital provinciano, foi removido para a sala do depósito um doente em estado cataléptico que o médico assistente considerára falecido. Nêsse depósito, construído no subterrâneo, havia lugar para cinco cadáveres. Na parede em frente, um crucifixo, alumiado por uma lâmpada de azeite, dava ao ambiente um aspecto macabro. Nessa noite, a carreta fatal tinha conduzido para ali três defuntos. Em dado momento, o doente, cujo óbito fôra verificado, despertou e, vendo-se entre dois mortos, foi tal o seu terror, que morreu definitivamente. Na manhã seguinte, fôram dar com êle, de bruços, com as mãos crispadas sôbre os olhos ainda abertos e apavorados.

Quando da passágem do famoso cometa de Halley, como constasse que o mundo ia acabar, envolvido pela cauda envenenada do terrível vagabundo celeste, houve quem se matasse... com mêdo de morrer!

Nos tempos da Escola Médica do Funchal, houve um estudante que teve o mau gôsto de assustar um seu condiscípulo, ao qual havia sido confiado o descarnamento da perna de um cadáver. Metendo-se-lhe debaixo da cama, altas horas, começou a lamuriar com voz soturna:

— Dá-me a minha perna, malvado! Não profanes o sôno dos mortos... Entrega-me a perna que me cortaste!

O pobre rapaz, acordando estremunhado, apoderou-se de tal mêdo, que correu á janela para se precipitar à rua. Como o outro o agarrasse, na intenção de evitar um suicídio, o desventurado, sentindo-se prêsa do defunto, tombou fulminado.

Podemos citar outro caso ocorrido entre estudantes, e que vem provar que se pode morrer de mêdo por persuasão. Lembraram-se os rapazes de improvisar uma espécie de Camorra para assustar um caloiro que tinha fumaças de valentão. Depois de o convencerem a fazer parte dessa *terrível associação*, marcaram-lhe o dia para ser iniciado. E, de argumento em argumento, chegaram a convencê-lo de que ia ser decapitado, visto o génio diabólico que inspirava tudo aquilo ter exigido o sangue do associado mais novo. Fizeram entrar o iniciado ingénuo para um aposento lúgubre onde havia um cêpo e um machado. Vendaram-lhe os olhos, ligaram-lhe as mãos, obrigaram-no a ajoelhar e a colocar o pescoço sôbre o cêpo. Então, enquanto um dos espirituosos pegava ruidosamente no machado, outro deixava caír sôbre o pescoço nú da vítima uma toalha torcida e embebida em água. Quando, terminada a sinistra brincadeira, tiraram a venda ao infeliz, encontraram um cadáver!

A sombra que empolga

O mêdo transforma completamente as suas vítimas. Ainda se as tornasse apenas ridículas e lastimáveis, bem estaria, pois cada uma sofreria as conseqüências do seu mal. Mas o mêdo pode transformar um indivíduo dotado dos mais generosos sentimentos no mais infame dos patifes. O homem medroso é capaz das últimas abjecções.

O poeta Lucano, aterrado pelos algozes que procuravam desvendar uma acção punida pela lei do tempo com a morte, não hesitou em denunciar a própria mãe para salvar a pele. O príncipe Gastão d'Orléans, apavorado ante as ameaças que lhe eram dirigidas, entregou ao carrasco os seus mais queridos amigos que êle sabia inocentes.

Durante a Revolução Francesa, grande parte das violências cometidas pode ser atribuida ao mêdo dos julgadores que receavam ser acusados de piedade.

Todos conhecem o episódio do mêdo de Felipe IV perante um dos abominaveis autos de fé. Como o soberano, horrorisado com os gritos aflitivos das vítimas que o fôgo ia chamuscando lentamente, tentasse retirar-se logo os inquisidores o apodaram de herético e sujeito a grave sanção.

A dança macabra

Que fazer? Conduzir o rei ao pôtro encebado e largar-lhe fôgo? Embora fôsse êsse o desejo dos esbirros inquisitoriais, arranjou-se uma plataforma mais suave. O soberano seria sangrado o mais abundantemente possível, sendo depois o sangue atirado a uma fogueira que grande número de padres alimentariam com lenha benzida e exorcismos adequados.

Assim se fez. O rei, mais sucumbido do que Carlos I ao trepar galhardamente para o cadafalso, consentiu todos os vexames por que lhe quizeram fazer passar.

O mau olhado

Pregunta-se agora: De que sentia mêdo o rei de Espanha? Do Santo Ofício? Do próprio Deus?

Dos dois, talvez. A razão disto está na educação recebida. Como todas as crianças, Felipe IV foi ameaçado com o "papão" e até com Deus! Na educação religiosa que lhe deram, fizeram-lhe ter mêdo do Criador, como se êste fôsse um tirano. Falava-se-lhe mais da severidade divina do que da sua bondade, como se o temor de Deus fôsse mais salutar e mais convincente do que o amor a Deus.

E assim foi criada a ridícula figura de Felipe IV...

E' certo que nem todos podem ser corajosos. Cada um é como é. Urge, no entanto, procurar a correcção do defeito.

O que se torna absurdo é propagar o medo. Educar pelo medo é destruir a coragem à nascença.

Em Portugal, o recurso pelo medo é vulgar. Torna-se necessário, antes que se deixe comprometer um povo inteiro, abrir uma campanha contra o absurdo processo educativo do "papão". Em lugar de cultivar o medo, que faz os covardes, devemos cultivar a energia, que faz os valentes.

Aqueles que, por seu mal, são atreitos ao medo, devem seguir o exemplo de Turenne, que é dos mais eloqüentes que conhecemos.

Ao principiar cada batalha, o guerreiro Turenne era acometido de medo, sentindo um desejo enorme de fugir. Tremia de tal feitio que a espada tilintava-lhe contra a armadura, e os pés dançavam-lhe nos estribos. A sua vontade seria dar costas ao inimigo, e fugir para lugar seguro onde o deixassem repousar sossegadamente.

No entanto, fazendo, como se costuma dizer, das tripas coração, encorajava-se a si mesmo, gritando:

— "Estás a tremer, carcassa?! Mais tremerias ainda se soubesses para onde te vou levar!"

E, apertando as esporas aos ilhais do cavalo, arremessava a sua "carcassa" para o ponto mais perigoso do combate.

O cavalo da Morte

OS HOMENS NÃO QUEREM CRER...

Os homens não querem crêr que a mulher é mais esperta do que êles em certas coisas.

Principalmente, para descobrir o lado fraco de um negócio ou uma traição, a mulher tem uma espécie de faro que a não engana. E mau é, quando ela tem um pressentimento pouco favoravel a uma empresa do marido.

Geralmente os homens não falam dos seus negócios ás esposas, nem lhes apresentam certos conhecimentos que podem ter uma influência nefasta na sua vida.

Se por acaso se abrem com a sua companheira, ela muitas vezes se manifesta contra algumas das suas relações e reprova empreendimentos que com aquêle raro instinto, quasi adivinhatório, ela julga darem resultados contraproducentes e quem sabe se vexatórios para a honra do marido.

Os homens são umas crianças grandes e, como tais, muito senhores dos seus caprichos e não gostam de ser contrariados.

Mas as crianças precisam de ser obrigadas a resistir aos seus desejos infantis, e os homens precisavam de ter quem os dominasse e os obrigasse a refrear as suas desmedidas ambições.

Infelizmente a esposa não tem autoridade bastante e, a não ser por amor, não consegue nada. E o amor dos homens sofre a influência de várias contingências, e nunca é exclusivo como o da mulher.

E' por isso, que em tantas burlas e negócios escuros, as esposas dos prevaricadores nada sabem e estão completamente inocentes das más obras dos maridos.

Se aproveitam do luxo e do conforto que o dinheiro mal ganho lhes traz, é naturalíssimo.

O homem tem artes para convencer a mulher de que tudo é correcto e feito honestamente.

Ela acredita-o piamente, mesmo pela vontade que tem de acreditá-lo, sugestionada pelo seu amor.

Foi o que aconteceu á esposa de Alves dos Reis e o que acontece agora em Paris a Arlette Stavisky que os juizes absolveram da sua suposta cumplicidade.

E são admiráveis, estas mulheres, companheiras dedicadas de extraviados, amando-os sempre depois da falta, como antes, quando os julgavam honrados sem o mais pequeno senão.

■

Se os homens acreditassem na superioridade das mulheres em descobrir fráudes e intrujices, outro galo lhes cantára.

Mas qual! Até se zangam, quando elas atacam certa intenção que os preocupa e ás vezes os absorve por completo, não os deixando ver claro no âmago da questão.

Chamam-lhes *azarentas*, quando o que elas querem é livrá-los dum mau passo.

— "Lá estás tu a agoirar! Para a outra vez, não te digo nada„ declaram furiosos, se bem que no fundo do seu pensamento, contra sua vontade, êles julguem que a sua *zelosa* companheira talvez tenha razão, não os aprovando e ficando na defensiva.

Eles pensam que defender o seu apodo de sexo forte é sustentar uma opinião, até quando a sua consciência lhes segreda que vão por mau caminho.

■

A vida dum casal seria o ideal da felicidade, se o homem olhasse a mulher doutra forma que não fôsse apenas a futura mãe dos seus filhos.

Era preciso que êle a fizesse sua associada em tudo, na vida espiritual, como nas gestões da matéria.

Que conversasse com ela como com seu melhor amigo, sem essas impressões mesquinhas da fraqueza da fêmea.

A mulher tem provado que está a par do homem na coragem, na bravura, na inteligência e na energia, e êle só tem a ganhar em considerá-la esposa e sócia a quem, no seu interesse, deve prestar mais atenção, quando ela o aconselha.

Se depois têm de arrepender-se de a não haver escutado, não vale mais parar a tempo?

No recanto do seu lar, sentados lado a lado, numa dôce intimidade, marido e mulher devem entender-se para arrostar com a má vontade da sorte, e salvar-se das ciladas que podem salpicar de lama a criança que no seu berço, desconhecendo a vida, dorme o seu soninho de anjo, á espera de que o destino lhe reserva — destino que os pais lhe preparam muita vez.

E como é por demais sabido que as horas más são mais abundantes e mais facilmente e depressa chegam até nós, nesta vida, do que os breves instantes de felicidade que vêem sempre tarde e passam como relâmpagos, devemos empregar todos os esforços para que nossos filhos não tenham de queixar-se, mais tarde, da nossa influência na sua sorte, se ela lhes fôr adversa.

Bem sabemos que ninguém pode escolher o seu destino, pois que marcado o temos, logo ao nascer e a êle não ha fugir; mas ficamos, ao menos, com a consciencia tranquila, certos de termos cumprido o nosso dever.

Mercedes Blasco.

OS ULTIMOS TEMPORAIS

Pairou ultimamente sôbre o país um temporal de rara violência, que causou importantes estragos e vários acidentes mortais. As inundações tiveram desusada violência, em especial as do Douro e do Mondego, que chegaram a constituir sério risco para as aldeias e cidades por êles banhadas, sobretudo o Porto e Coimbra.

Um dos sinistros mais impressionantes deu-se em Porto da Cioga, onde uma «charrette», guiada pelo engenheiro Humberto Morgado de Andrade e que conduzia o sobrinho dêste, Jorge Frederico de Menezes e o regente agrícola José Lemos Viana, foi arrebatada pela cheia. Os três infelizes morreram afogados. Na Chamusca as inundações também tiveram carácter alarmante, pois os diques da Senhora das Dores e dos Vinte estiveram em risco de ceder perante o grande volume das águas.

No Tejo, a violência das vagas e do vento pôs em perigo grande número de embarcações.

O contra-torpedeiro «Tamega» garrou e foi chocar com a canhoneira «Beira» e o torpedeiro «Mondego». Pôde, porém, ser apanhado por um rebocador do Arsenal sem ter sofrido avarias de maior. Como medida de precaução, os restantes barcos de guerra recolheram à Doca de Alcântara.

No Poço do Bispo, a agitação das águas fez ir a pique uma fragata, cuja tripulação composta de quatro homens foi salva com dificuldade.

Em muitos pontos da província as comunicações foram interrompidas pelas cheias. Derruiram pontes e viadutos e os leitos das estradas ficaram em diversos locais submersos.

Há já bastantes anos que não se registava um temporal de tão grande violência. Nalguns pontos as cheias atingiram um nível que não se registava desde 1925. Em Espanha e França também as inundações tiveram carácter catastrófico.

A' DIREITA: *A cheia em Miragaia.* EM BAIXO: *O bairro de S. Roque, em Chaves, inundado pelo Tâmega*

A' ESQUERDA: *Um aspecto da cheia do Douro.* EM BAIXO: *Rossio de Abrantes inundado*

A estação da Parceria, no Cais do Sodré, bloqueada pelas águas

Por êsse Mundo...

Tumultos no Egipto

Os estudantes do Cairo e outras cidades egipcias manifestaram-se ultimamente a favor do reconhecimento da independência do seu país pela Inglaterra. A promulgação da Constituição de 1923 deu, em parte, satisfação a essas reclamações. Vemos aqui um camião cheio de manifestantes presos que desejam ardentemente renovar as tradições gloriosas dos tempos dos Faraós. Resta saber o que a misteriosa esfinge, oráculo dos tempos idos, lhes responderá.

A demissão de Masaryk

Masaryk, o prestigioso Chefe do Estado checo-eslovaco abandonou a alta magistratura, que com tanta dignidade exerceu. Para o substituir foi eleito por grande maioria o conhecido estadista Eduardo Benès. Em cima, o novo presidente, e à direita, o eminente estadista demissionário.

Morte do general Gomez

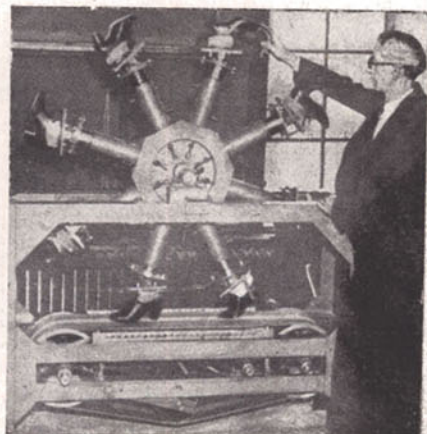
Morreu na Venezuela o general Gomez, curiosa figura de caudilho e ditador que há dez anos ocupára o poder naquela laboriosa e irrequieta República sul-americana.

O trágico bombardeamento de Dessié

Dessié, cidade etíope, onde o Negus, se encontrava de passagem, foi alvo dum ataque aéreo de extraordinária violência. As instalações do Hospital da Cruz Vermelha norte-americano não foram poupadas pelos aviões italianos. Na gravura vê-se uma barraca que serviu de ambulância que abrigava feridos, depois de atingida por uma bomba incendiária.

Uma proeza da aviação

A inauguração das carreiras aéreas entre a Califórnia e Cantão, pela Pan American Airways representam uma das mais retumbantes vitórias do homem na conquista da distância. As aeronaves vencem catorze mil quilómetros sôbre o Pacífico, sendo a sua lubrificação feita permanentemente com «Mobiloil». Esta arrojada travessia faz-se com cinco escalas.

Invento original

Esta máquina destina-se a experimentar a qualidade do calçado e está construida de molde a indicar o desgaste normal dum sapato durante a marcha que fizer.

FIGURAS E FACTOS

União Portuguesa da Legião de Honra

POR iniciativa do ministro da Noruega e grande amigo de Portugal, dr. Koren, foi constituida a União Portuguesa da Legião de Honra que conta 80 associados entre portugueses e estrangeiros residentes em Portugal agraciados com aquela alta condecoração francesa. À primeira reünião, efectuada no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, presidiu o sr. dr. Caeiro da Mata que fez sentar à sua direita os srs. ministros da França e da Noruega, e à sua esquerda os srs. ministro do Comércio e professor Mosés Amzalak.

O objectivo desta simpática instituïção é o de criar e estreitar relações de amisade entre todos os legionários, quer nacionais, quer estrangeiros.

Fernando Pessoa

A Morte levou-nos há dias Fernando Pessoa, o poeta ilustre que levou a sua curta vida quási ignorado das multidões. Dir-se-ia que, avaliando a riqueza das suas obras, as ocultava avaramente, com receio de que lhas roubassem. Ao seu fulgurante talento será feita, um dia, inteira justiça, à semelhança de outros grandes génios que ja lá vão...

Armando Ferreira

APÓS o êxito retumbante do 1.º volume da «Lisboa sem camisa» que tratava de «O casamento da Fifi Antunes», Armando Ferreira contraiu o dever de não fazer esperar o público que o lê com agrado e preferência. Foi o que fez o ilustre humorista com «O baile dos Bastinhos», romance de costumes que constitui o 2.º volume desta interessantíssima colecção. O 3.º, que se intitulará «O galã de Alcântara», há de aparecer, a seu tempo.

Sala do Império Colonial

POR iniciativa do eminente director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, prof. M. B. Amzalak foi inaugurada naquele estabelecimento de ensino uma Sala do Império Colonial, de que a gravura acima mostra um aspecto. A decoração, sóbria e digna, é inspirada em motivos referentes às nossas províncias ultramarinas, com mapas, esquemas e pequenos mostruários que ilustram o esfôrço e riqueza da nossa colonização.

Salema Vaz

SALEMA Vaz, o adorável poeta das «Rosas» expandiu-se até à Itália, escrevendo «Suor Amore» – acto dramático sôbre as cartas amorosas da Freira de Beja, que Guido Batelli traduziu primorosamente. E, curioso se torna registar que a um tal assunto tão debatido há tantos anos por dezenas de escritores, Salema Vaz conseguiu dar-lhe encanto, interesse e originalidade.

Cruzeiro aéreo às colónias

DURANTE a sua estada em Dakar, os aviadores que realizam o Cruzeiro Aéreo às Colónias foram alvo de grandes manifestações de simpatia por parte dos seus colegas franceses. Na fotografia abaixo, tirada após um banquete realizado em sua honra, vê-se entre outros, ao centro, o coronel Cifka Duarte, tendo à sua direita Madame Pajarolla, esposa do Inspector Residente da Vacuum e à esquerda o conhecido comandante Pelletier-d'Oisy Chefe das Forças Aéreas da Africa Ocidental Francesa.

Aspectos gráficos da quadra das festas

Está a terminar a quadra das Festas, que principia com o Natal e tem as suas últimas manifestações em Dia de Reis. Acabam com ela, as férias, tão apreciadas dos estudantes, e essa animação passageira que a população imprime nestes dias às ruas por onde circula mais numerosa e apressada.

Há séculos que as Festas do Natal e Ano Novo, servem de pretexto a boas acções. São as esmolas aos pobres, que neste período são mais abundantes e generosas; o carinho votado às crianças, que se vêem contempladas com brinquedos que lhes dão passageiros momentos de felicidade; e tantas outras coisas que lançam entre os homens um fugaz simulacro de fraternidade.

Por isso, as cidades vivem nesta época do ano uma vida especial, cheia de movimento e espiritualidade, em que o ar frio de Dezembro é temperado pelo bafo reconfortante dos bons sentimentos.

Uma das notas pitorescas das ruas de Lisboa são, sem dúvida, êsses bazares ambulantes, onde o sonho de tantas crianças se concretiza na módica quantia de um escudo. E é vê-las debruçadas sôbre os cêstos cheios de brinquedos, embaraçados perante o terrível dilema da escolha entre uma boneca que lhes agrade e uma corneta que desejariam ter. Pelos mercados vai também uma azáfama desusada. Come-se mais e come-se melhor para festejar o aniversário da vinda a êste Mundo do Menino Jesus ou o fim dum ano e o começo de outro, em que se recapitulam as ilusões que os anteriores impiedosamente ceifaram. . êste o aspecto popular da quadra das Festas, de que se reuniram nesta página algumas imagens sugestivas. A segunda fase passa-se no interior dos lares, onde nestes dias há mais luz e calor, e os laços do sangue se afirmam e estreitam mais.

A cena passa-se na sala dum Tribunal. O advogado de defesa insta uma testemunha.

— O senhor acusa o meu constituinte de o ter roubado. Reconhece como seu algum dêsses objectos que foram apreendidos ao preso?

— Sim senhor — diz a testemunha — Está ali um lenço meu.

— Como sabe que é seu? — objecta o advogado.

— Porque tem um "B„ marcado a um canto.

— Isso não prova nada — contesta o defensor — Tenho aqui na minha algibeira um lenço marcado com um "B„.

— Não me admira nada, porque me desapareceram dois lenços.

■

Ao preparar um jantar que oferecia a várias pessoas das suas relações, a dona da casa chamou o criado e recomendou-lhe que em caso algum servisse vinho a um determinado conviva.

O jantar decorreu cheio da maior animação e no final, o visado dirigiu-se à dona da casa e preguntou-lhe:

— Não quero parecer indiscreto, minha senhora, mas gostaria de saber porque se obstinaram em não me servir vinho durante toda a refeição.

— Ah! Fui eu que dei ordem ao criado por saber que tinha entrado para a Liga Anti-Alcoólica.

— Mas, minha senhora, eu não entrei para a Liga Anti-Alcoólica, mas sim para a Liga da Moralidade.

— Oh! Queira desculpar-me? Só fixei que o senhor tinha abandonado um hábito e não me lembrava qual.

■

Um padre passa pela porta dum seu paroquiano e pára um momento a conversar.

— Que belo jardim que tens, António! — observa êle.

— Sim, senhor prior.

— Deves dar graças por êle ao Todo Poderoso.

— Sim, senhor prior.

— E que admirável horta!

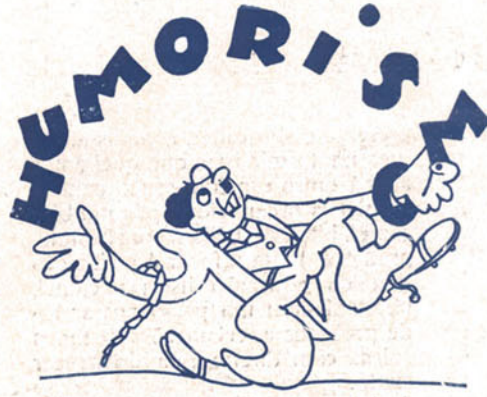
— Sim, senhor prior.

— Também deves dar graças por ela ao Todo Poderoso.

— O senhor prior viu alguma vez êste terreno, quando êle ainda era do Todo Poderoso?

■

Um homem de negócios leva o seu filho a um Banco, apresenta-o ao gerente e diz-lhe:

— Queria pedir-lhe para o meu filho seguir esta carreira. Entraria primeiro como praticante, depois passaria a caixa, a guarda-livros, até chegar a gerente, como o senhor.

— É uma excelente idea. Mas porque o não fez seguir a sua carreira?

— Pensei nisso. Mas, aqui para nós, acho-o pouco inteligente.

■

Tinha acabado o jantar de festa. Bibi olhava pesaroso para o resto dum bolo que ficara sôbre a mesa.

— Mamã, dá-me mais um bocadinho de bolo?

— Não, meu filho. Já comeste muito. Agora vais deitar-te.

— Só um bocadinho pequeno. Para pôr debaixo do travesseiro... — insistiu êle.

— Pois bem! — concedeu a mãi. — Toma um bocado, mas já sabes que é para pôr debaixo do travesseiro.

....

Nessa noite quando entrou no quarto, a mãi ficou surpreendida ao ver que o Bibi dormia beatìficamente com o travesseiro em cima do estômago.

■

Dois homens andavam à caça, quando junto dêles surge inopinadamente um guarda que os convida a exibir as licenças de caça.

Ao ouvir isto, um dêles larga a correr e o agente vai-lhe no encalço. Após uma demorada perseguição o guarda consegue deitar-lhe a mão, e ainda ofegante do esfôrço, diz-lhe:

— Com que então andava a caçar sem licença...

— Não senhor. Aqui está a minha licença.

O guarda examina-a desconfiado, verifica que está em ordem e restitue-lhe dizendo:

— Mas que idea foi essa de fugir uma vez que tinha licença?

— Porque o meu companheiro não a tinha — foi a resposta.

■

Num baile, uma formosa rapariga está rodeada por um grupo de admiradores. Alguém que observa a cena a distância, esclarece:

— Está noiva dum médico que se encontra em Africa e que deve chegar no fim do mês para casar com ela.

— Ah! — comenta outro. — Pelo que vejo ela sabe "o que se deve fazer enquanto o médico não chega„.

■

Diferença de pontos de vista:

— Não gosto de jogar com quem não sabe perder.

— Sempre é muito melhor do que jogar com quem sabe ganhar.

■

Pela terceira vez naquela tarde a dona da casa foi dar com a nova criada a dormir na cozinha.

— Maria! — gritou abanando-a com fôrça — Isto não pode ser. Quando a admiti ao serviço, você disse-me que nunca se cansava.

— É verdade, minha senhora. Mas para isso preciso de descansar de vez em quando.

— Tem bem a certeza que era êste o modêlo do chapéu que Joan Crawford usava no seu último filme?

A QUINZENA DESPORTIVA

Balanço geral das várias modalidades no decurso do ano transacto

O ciclista César Luís

DÊSDE a época, já distante, do início da nossa colaboração regular nas páginas desta revista, estabelecemos a norma de reservar a primeira crónica do ano, à analise da actividade despórtiva no decurso do ano que findou.

Passando, por esta fórma, uma revisão periódica dos acontecimentos e da marcha seguida pelo movimento geral podemos ajuizar o resultado prático da obra dos orientadores e propagandistas, e a evolução da classe dos praticantes nas diversas modalidades.

A primeira impressão colhida na apreciação geral do 1935 desportivo, é francamente desagradável; se, propriamente pelos resultados, o ano não foi nem pior, nem melhor, do que os seus precedentes, é forçoso reconhecer que deixou para resolver todos os problemas que recebeu em herança, e é esta noção de tempo perdido que depõe em desfavor do ano falecido.

Quando, há doze mêses, apreciavamos o activo de 1934, escrevemos: «Os prenúncios de ambiente propício, que em Janeiro consideravamos com agrado, continuam em Dezembro com o mesmo valor de prenúncios, talvez mais seguros, mais concretos. mas sem um único facto real a certificar-lhes a próxima efectivação prática».

Estas palavras mostram que já o pai do nosso 1935 fôra desilusionante; o filho apresentou, agravadas, as táras atávicas e por muito otimistas que queiramos ser não há outro remédio senão confessar que os tais prenúncios, após um biénio de imutabilidade, faliram em absoluto.

O primeiro ponto a focar é a situação lastimosa da educação física nacional, que não adiantou um passo apesar do côro de protestos e reclamações de todos os técnicos com direito a emitir parecer no assunto.

Nada há mais difícil em Portugal, do que modificar o que está estabelecido, mesmo quando se reconheça ser errado ou nocivo. O problêma da educação física está sendo vítima dêste vicio, pois todos reconhecem a necessidade de pôr termo a uma situação contrária aos mais elementares princípios pedagógicos e averiguadamente imprópria ao desenvolvimento e robustez da mocidade portuguêsa, mas não se consegue, apesar disso, derrubar o monstro legalizado.

A vitória do bom senso, ou, pelo menos do senso comum, transita ainda e pela quarta vez, em suspenso; resta-nos a esperança de que não fraqueje o ânimo dos cavaleiros da razão até ao momento festivo em que consigam impôr o triunfo dos princípios da lógica e da verdade.

O interêsse do Estado pelo despórto, outro problêma fundamental da actualidade, prosseguiu latente, se exceptuarmos o prosseguimento dos trabalhos preparatórios para a construção do Estádio Nacional, relegado para um ponto dos arredores da cidade, que não pode merecer a nossa aprovação.

O desporto teve, na Câmara Corporativa, representantes seus; parece que ainda continua a ter, mas ninguem se apercebe do facto.

Constava, finalmente, que 1935 seria um ano de preparação olímpica; parece também que, afinal, se tratava apenas de boato. Se exceptuarmos o trabalho metódico da Federação de Tiro, nada se fez especialmente orientado nêsse sentido, o que não impedirá que, na hora própria, abundem os candidatos habilitados.

Resumindo esta apreciação geral, podemos afirmar que a evolução do desporto, dentro dos moldes actuais, é de alcance problemático por falta de recursos materiais, apoio e orientação superior.

Tôda a actividade do desporto português têm evolucionado pelo impulso da iniciativa particular, cujos recursos são impotentes para a levar muito mais longe no caminho do progresso. Estabilizámos, o que, em matéria desportiva internacional, equivale a retrogradar.

■

Se o exame dos altos problemas do desporto é assim desolador, encontramos na apreciação pormenorizada, motivos para melhores conclusões. O trabalho nalgumas modalidades foi proveitoso e a situação é mais satisfatória em confronto com a do início do ano.

Em football, o mais praticado e popular dos jogos desportivos, os progressos fôram evidentes. Não quero afirmar que a classe do football português tenha melhorado consideravelmente no seu expoente máximo, mas julgo que o valor médio subiu, que as competições aumentaram de interêsse e que uma orientação severa e bem organizada restabeleceu um prestígio abalado e reconquistou o interêsse público.

A única competição internacional da época, o jôgo contra a Espanha, foi para nós lisonjeira; à beira dum desastre acabrunhador, a equipa nacional soube conservar intactas as virtudes morais forçando os acontecimentos a uma viravolta sensacional e impondo ao valoroso adversário um empate em que é êle o favorecido pela sorte.

A selecção de Portugal que empatou com a Espanha em foot-ball

Três vencedores para as três grandes provas do ano: o Sporting é campeão de Lisboa, o Football Club do Porto é campeão da Liga e o Sport Lisboa e Benfica é campeão de Portugal, tendo sido o primeiro, segundo classificado nos outros torneios.

Orientado em bases diversas, num regime de maior verdade, o futebol tomou melhor rumo e é licito esperar nos volte a trazer as satisfações do passado.

■

Se o "basket" é o jôgo que vem a seguir pela sua divulgação no país e número de colectividades praticantes, o "handball" é aquele que mais acentuados progressos marcou e parece destinado a um futuro brilhante, se as colectividades o não estragarem, enxertando-lhe os vícios que o dinheiro comunica a todos os assuntos em que intervem.

Os jogadores portugueses de "basket" foram a Madrid sofrer uma derrota dos espanhois, o que a ninguém deve admirar sabendo-se a dificuldade de bater os nossos vizinhos em território seu.

Os praticantes do "handball" não tiveram ainda o seu baptismo internacional, não passando de projecto uma deslocação à Alemanha, que sempre considera mos aventura perigosa, no género daquela que sucedeu à rã quando quis fazer-se do tamanho do boi.

No entanto os dois encontros das selecções de Lisboa e Porto, com os seus paradoxais resultados inversos, constituiram êxitos incontestáveis e garantiram o seu lugar no calendário clássico das grandes pugnas nacionais.

O "hockey" e o "rugby", com os quais encerramos o rol dos jogos em campo praticados no país, mantêm-se muito abaixo dos anteriores.

O "hockey" foi, e será, uma modalidade apagada, com vida difícil e escassíssima popularidade; o "rugby", porém, melhorou de situação durante 1935, pelos esforços felizes dos dirigentes lisboetas.

A criação do campeonato escolar foi uma iniciativa oportuna, que veio trazer novos alentos ao jôgo e deve ser a sua salvação se houver bom senso nos orientadores.

A equipa de Madrid veiu a Lisboa e ganhou o seu encontro; perdeu depois um outro jogado com côres clubistas, mas qualquer dêsses encontros foi disputado num jôgo que nada prestigia o "rugby" nacional.

■

A época de atletismo foi o que não podia deixar de ser, nas condições em que vive êsse desporto: miséria financeira e material.

Adelino Tavares, o melhor corredor do ano, provável representante de Portugal nos jogos de Berlim

As competições foram mais numerosas e, talvez, mais concorridas e animadas, mas os resultados são dum modo geral idênticos.

O progresso foi nulo e a culpa não é dos dirigentes, nem dos atletas, nem dos treinadores; a culpa é exclusivamente do meio.

Sem pistas nem terrenos apropriados é impossível fazer tempos ou resultados apreciáveis. Lembro que houve, durante a época, torneios adiados por não se encontrar um único campo onde os organizar!

Se em conjunto a impressão é pessimista, pouco melhor será individualmente. Entremos como nota favorável com o aparecimento de alguns novos que demonstraram boas qualidades, destacando dentre êles o lançador Emídio Ruivo: resta saber qual será o seu comportamento futuro, pois bastas vezes esperanças semelhantes se desfazem como fumo.

O melhor homem da época foi o corredor de fundo Adelino Tavares, a quem provavelmente caberá a honra da representação nacional nos Jogos de Berlim. Não se trata de um fenómeno, mas é um especialista de classe apreciável, que na pista de Barcelona bateu largamente, em Março passado, os campeões catalães.

■

O ciclismo manteve as suas posições quanto a actividade e melhorou consideràvelmente nos resultados técnicos.

A classe dos novos especialistas impôs maior entusiasmo às provas e a sua fogosidade moça deitou por terra os ídolos consagrados dando a 1935 uma aura de ano renovador.

José Marquês, César Luís, Felipe de Melo, os veteranos Alfredo Trindade e José Maria Nicolau foram aquêles que mais vezes arrancaram a vitória, mas atrás dêles agita-se uma falange numerosa e ávida de glória onde possivelmente se preparam os homens de amanhã.

A União Velocipédica, senhora de bons anos e credulidade inabalável, continua certificando que todos os nossos ciclistas são amadores cem por cento e, por esta razão, impossibilitados de correr contra estrangeiros profissionais que poderiam contaminar a pureza do seu desinterêsse desportivo. Diz-se, no entanto, em entrevistas na imprensa que os ciclistas recebem ordenados; os prémios em "envelope mistério" são moeda corrente; os organizadores pagam em dinheiro aos vencedores das suas provas; mas tudo isto é amadorismo. ■

Passemos ràpidamente em revista os desportos restantes.

Grande actividade e resultados animadores em tiro; situação estacionária, mas esperançosa, em esgrima e hipismo; desinterêsse de praticantes na natação, cujas competições oficiais são desanimadoramente áridas, registando-se o facto incrível duma maioria de campeonatos nacionais disputados por um único concorrente.

No entanto, os esforços do Sport Algés e Dafundo, ensinando, aperfeiçoando, organizando provas internacionais, eram meredores de melhor compensação moral, se não fôra o desgraçado receio nacional de competir na antecipada certeza de perder.

Salazar Carreira.

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

«No Grémio Lírico Portugues»

Organizado por uma comissão de gentis meninas pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: Alice Xavier de Brito Barata, Ana Mafalda Guimarãis, Eugénia Pinto Bastos, Ester Buzaglo, Izabel Maia, Luisa Maria de Melo Ulrich, Maria Amélia de Melo, Maria do Carmo de Castro, Maria do Carmo do Perpétuo Socorro Machado, Maria da Conceição Gonçalves, Maria da Conceição Rêgo, Maria Cristina Frois, Maria Eugénia da Cunha, Maria Filomena Leitão, Maria Helena de Somer, Maria Madalena Lomelino Barbosa, Maria de Somer Andrade, Merita Buzaglo Duarte, Tereza Frois, e Vera de Carvalho, realizou-se na tarde de sábado 28 de Dezembro último, uma interessante festa infantil, de caridade, cujo produto se destinava a favor da Casa de Proteção e Amparo de Santo António, e que constou de «Arvore do Natal», com artísticos prémios, e de vários intermédios cómicos pela parelha de palhaços portugueses Pepito Vasquito & Companhia, formada pela filha e genro do aplaudido palhaço «Little Walter», que fizeram a alegria da petisada. Nos intervalos e depois do espectáculo, houve serviço de chá.

O aspecto dos vastos salões do Grémio Lírico Português, nessa tarde, era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunidas grande número de famílias da nossa primeira sociedade.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano como financeiro.

Festa de Homenagem

Na noite do dia 13 do corrente, realiza se num dos nossos melhores teatros de declamacão, a tradicional festa anual dos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, festa que marca sempre pela animação e elegância, constituindo sempre sem dúvida alguma, uma verdadeira parada de mundanismo.

Casamentos

— Presidido pelo prior da freguezia reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial do Santo Condestável, à rua do Patrocínio, o casamento da sr.ª D. Maria Luisa Pereira de Lemos Rosa Mateus, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória Pereira de Lemos Rosa Mateus, já falecida e do sr. dr. Policarpo da Rosa Mateus, com o sr. Carlos Guilherme Teixeira de Araujo, filho da sr.ª D. Lucinda Serrenho Teixeira de Araujo e do sr. José Manuel de Carvalho Araujo, já falecidos.

Serviram de madrinhas a tia da noiva senhora D. Laura Serzedelo Teixeira de Sousa e a cunhada do noivo sr.ª D. Elisa Augusta de Sousa Botelho Leitão Teixeira de Araujo e de padrinhos o tio da noiva sr. comandante Jaime de Sousa e o pai da noiva.

Finda a cerimónia durante a qual foram executados com acompanhamento de orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», durante o qual o magnífico quinteto dirigido pelo distinto violinista António Soares, se fez ouvir em um esplêndido programa de concerto, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Serviram de «damas de honor» as sr.as D. Ernestina Rosa Mateus, D. Maria Fernanda Rosa Mateus Romariz Monteiro e D. Aida Rosa Mateus, primas da noiva, e de caudatárias as meninas Maria da Glória Teixeira de Araujo e Maria das Mercês Carvalho Araujo.

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter visto as seguintes pessoas:

Comandante Jaime de Sousa e esposa, D. Elisa Augusta de Sousa Botelho Leitão Teixeira de Araujo, engenheiro José Feio Terenas, D. Maria Henriqueta de Rosa Mateus, capitão de engenharia Santa Clara da Cunha, João Jorge da Silva, Afonso de Macedo e esposa, engenheiro Anastácio Guerreiro de Brito, Dr. Joaquim de Sousa Cordeiro, Armando Lázaro e esposa, D. Irene de Sousa Loureiro, D. Clara Maria de Sousa Loureiro de Brito e Silva, D. Palmira do Carmo Calisto, Carlos Lopes e esposa, D. Catarina Rosa Mateus, D. Cândida Rosa Mateus Lopes, Dr. José da Cunha Fernandes, Sergue Mateus, Artur Rosa Mateus, Eduardo Gomes e esposa, D. Lucinda Araujo Gomes, D. Alzira Rodrigues, D. Elvira Pereira, Alfredo Leonardo Pereira e esposa, D. Eduarda Brazão Pereira, António Romariz Monteiro e esposa, Dr. Miguel de Abreu, Frederico Augusto Faria, D. Aida e D. Ernestina Rosa Mateus, D. Maria das Mercês e D. Maria da Conceição de Carvalho Araujo, D. Maria Fernanda Rosa Mateus Romariz Monteiro, José Leonardo Pereira, Manuel José de Carvalho Araujo, Carlos Rosa Mateus Romariz Monteiro, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Casamento da sr.ª D. Maria Laura Pereira de Lemos Rosa Mateus, com o sr. Carlos Guilherme Teixeira de Araujo, realizado na paroquial do Santo Condestável. Os noivos e convidados saindo da igreja. (Foto Serra Ribeiro)

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Eulália Aurora Mariz Simões, interessante filha da sr.ª D. Virgínia das Dores Mariz Simões e do sr. Guilherme da Fonseca Simões, com o sr. Guilherme Frederico da Silveira Machado, filho da sr.ª D. Isabel Cândida Moutinho Ferreira Machado e do sr. Frederico Xavier da Silveira Machado, já falecidos.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo seus irmãos a sr.ª D. Maria Isabel da Silveira Machado e o sr. capitão Anibal Frederico da Silveira Machado.

Presidiu ao acto o prior da freguesia reverendo cónego sr. dr. Joaquim Martins Pontes, que antes da missa que foi resada pelo reverendo Vítor, fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, durante a qual um grupo de senhoras do Escola de Santa Cecília, cantaram no côro, com acompanhamento de orgão, vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à R. Chabi Pinheiro, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter ter visto as seguintes pessoas:

Conselheiro Aquiles Machado, Carlos Moutinho de Almeida e esposa, Afonso Langhans e esposa, Luís Lopes da Silva, major Almeida Ribeiro, D. Palmira Machado de Faria e filhas, Dr.ª D. Túlia de Saldanha, D. Gertrudes de Saldanha, capitão Anibal Machado, esposa e filhas, D. Alda de Almeida, capitão Peres Gomes e esposa, Dr. Augusto Machado, professor José Carlos Nogueira, Afonso de Soveral, Agostinho da Silva e esposa, Raúl Moura Fernandes e esposa, Armando de Andrade e Silva e esposa, Samuel de Oliveira e esposa, José Leal de Matos e esposa, D. Hortense da Silva, D. Albertina Abrantes e filho, Fernando Polido e esposa, Joaquim Bastos da Silva, esposa e filha, engenheiro Elídio Mariz Simões e filha, Domingos Ferreira, Fr. Fernando Machado Faria, tenente Carlos Machado da Silva, tenente José Machado, esposa e filha, António Baptista Guimarães, Jacinto Bastos, Justino Simões, João Tomás Ferreira, Roberto Dias Costa, Rodrigo Santos, Emília Charneca Fernandes, Santa Clara, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na Mealhada, realizou-se na egreja matriz, o casamento da sr.ª D. Ermelinda Paiva, gentil filha do sr. Avelino Paiva, com o sr. João Duarte de Sousa Saraiva, filho da sr.ª D. Justina Duarte de Sousa Saraiva e do sr. Mário de Souso Saraiva, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Saudade Paiva e D. Maria Luiza Nóbrega de Araujo e de padrinhos os srs. António Marques e dr. João Nóbrega de Araujo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, saguindo os noivos depois para Braga, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Eulália Aurora Mariz Simões, com o sr. Frederico Guilherme da Silveira Machado. Os noivos e convidados saindo da paroquial de S. Jorge em Arroios. (Foto Serra Ribeiro)

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 40

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLEGNA
N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 18

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 17, Braz Cadunha

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 16. — Salustiano, 15. — Rei-Luso, 15. — Só-Na-Fer, 15. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 13. — João Tavares Pereira, 11. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Agno-nome-agnome. 2 — Ala-lado-alado. 3 — Balda-dado-baldado. 4 — Lama-marão-lamarão. 5 — Lerca. 6 — Maioria. 7 — Guardado-guardo. 8 — Fanado-fado. 9 — Facada-fada. 10 — Previso-prêso. 11 — Viçoso-viso. 12 — Délia-dea. 13 — Chacota-chata. 14 — Caneta-cata. 15 — Ardor. 16 — Reca (RK). 17 — Abespinhado 18 — *Gostoso.* 19. — Mastigado. 20 — *Agua de Março pior é que nódoa no panno.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Se me tornas a aparecer com o fato num *farrapo*, levas uma *sova*, meu *tratante!* (2-2) 3.

Leiria — *Deká*

2) A quem *dedica* o «*prémio*», sr. «*Augusto*»? (2-2) 3.

Leiria — *Magnate*

3) Quando me *vem à memória* o *grito retumbante* aí «*mencionado*» sinto remorsos. (2-2) 3.

Santarém — *M. Anão*

4) Quando *toca a finados o sino*, um vizinho meu dá um *grito retumbante* e isto *por duas vezes.* (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

5) *Singelo espírito apenas?* 2-2.

Lisboa — *Chim Pan Zé*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 49

6) Essa *insignificância provoca* tanto *palavreado?* 2-1.

Lisboa — *D. Campeador*

7) Com essa *fisionomia* é *pena* que não sejas um homem *completo*... 2-1.

Lisboa — *Dr. Magrinho*

8) O meu *pé grande* é a «*causa*» de muita *asneira.* 2-1.

Lisboa — *Rás Kassa*

9) A «*mulher*» encontrou um «*instrumento*» que serve para limar essa «*árvore*». 2-2.

Lisboa — *Sopmac*

10) No Brasil *passa* ràpidamente, e com *pena* se vê isso, a *moeda falsa, de cobre.* 2-1.

Luanda — *Ti-Beado*

11) *Embora* não tenha *nascido* para grandes cometimentos, ainda espero ser eleito presidente da *Câmara Municipal.* 1-2.

Lisboa — *Xis & Grego*

SINCOPADAS

12) A *galhofa* é lei geral da «*mulher*». 3-2.

Lérias (T. E.—T. M.)

13) Com um *farrapo* se cobre, às vezes, uma *pessoa muito virtuosa.* 3-2.

Luanda — *Ti-Beado.*

14) *Determinado fim?* 3-2.

Lisboa — *To-My*

15) — Porque és tão *lindo?*
— Porque o *destino* assim o quis! 3-2.

Veiga

16) Quem seria o *malandro* que me roubou uma *galinha?* 3-2.

Lisboa — *Vina*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

17) Neste enigma concentrado,
Unindo a prima à final
Fica tudo conglobado
Numa festa ou *arraial.*

Tôrres Vedras — *Alfa & Ómega*

(Ao meu amigo Kábula)

18) Primeiramente eu, depois
Mulher v'ras tôda liró,
Mas nota, lá entre os dois
Bispas outra «*mulher*» só.

Leiria — *Magnate*

MEFISTOFÉLICAS

19) Se o «*senhor*» não quer' viver
Onde tem estado a *habitar*,
Bem se pode ir *esconder*
Lá no céu, entre o luar... (2-2) 3

Leiria — *Pobre Marreco*

20) Dizem que o *diabo*, à noitinha,
Se vai no mato *alojar*...
Na serra há mato, vizinha,
Não me quero *retardar*... — (2-2) 3

Lisboa — *Repórter Fatal*

NOVÍSSIMAS

(Á Maria da Graça)

21) Nem o bálsamo que um crente
Recebe numa oração.
Refreia o pesar ingente — 2
Que invade o meu coração.

Nem a carícia de mãi,
Que eu acato com respeito,
Sufoca a *mágoa* que tem — 1
Tomado o meu pobre peito.

Só uma frase dos teus
Lábios, exprimindo amor,
É que faz sorrir os meus,
É *que vence* a minha dor!

Lisboa — *Bisnau (T. E.)*

22) Um *hospedeiro* qualquer — 2
Que não sirva novidades
Há de a *casa* e a mulher — 1
Meter em dificuldades.

Coimbra — *José Tavares*

23) Tens na fronte um *distintivo* — 2
Que te traz assinalado:
Onde está é sinal vivo — 1
Que és um tolo *rematado.*

Lisboa — *Miss Diabo*

SINCOPADAS

24) Ouvi na rua falar.
Mas que *galhofa* seria?
Desci, e fui encontrar
Esta cena reinadia:

A' «*mulher*» do alfaiate,
Regateirona de fama,
Arrumou um disparate,
Que fez côrar a madama,

A peixeira destravada.
Engalfinharam-se, as bravas,
E só depois, numa esquadra,
Deram valor às palavras. 3-2.

Lisboa — *Kossor*

TRABALHOS DESENHADOS

26) ENIGMA FIGURADO

(25 Adeus, amor
E minha vida!
Ai quanta dor,
Alma *querida*,

Eu vou passar
Sem mais te ver!
Teu doce olhar.
Sinto morrer

Longe de mim!
Sofrer assim,
Dor infernal...

Adeus, meu sonho,
Lindo, risonho,
«*Mulher*» fatal... 3-2

Lisboa — *Sodargil*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PÁGINAS FEMININAS

Um novo ano e a pobre humanidade sem pensar o que lhe pode trazer de amarguras, de desilusões, de dores, festeja-o com delírio, esquecendo que fez o mesmo ao que passou e que para tantos foi um ano de sofrimento.

Mas essa faculdade de esquecimento, essa facilidade na esperança é o melhor bem, que Deus deu ao homem quando o atirou para o Mundo.

As pitonisas esforçam-se por nos dizer o que vai ser o ano, mas quem dá crédito às suas profecias? Uma das melhores coisas que possuímos cá na terra é o não desvendar o futuro.

Que horror seria se no princípio dum ano soubéssemos tôdas as dores que nele sofreremos, tôdas as angústias que nos esmagarão a alma, e essa idea do que teríamos de sofrer estragaria por completo o quinhão de alegrias de que tôda a vida é feita. A vida não é só dor é também alegria, mas nós temos em geral a tendência de nos agarrarmos ao sofrimento e de esquecermos as alegrias e os benefícios que nos suavizam êste vale de lágrimas.

A vida é má, é dolorosa, mas tem beleza para quem sabe procura-la no idealismo, na elevação de ideas, na ambição duma coisa mais bela, mais levantada, superior, que nos eleve a alma.

Essa certeza da perfeição têm-na os crentes, os que elevam a sua alma a Deus num desejo de perfeição e felicidade e nada de mais consolador do que esta fé cega numa doce e suave vida eterna que esperamos não pelos nossos merecimentos, mas pela misericórdia. Mas essa doce certeza, que a fé nos dá num misticismo que tudo torna mais belo, o misticismo sem fim próprio pode dizer-se que o possuem todos aqueles, que procuram na vida um ideal de beleza, de qualquer coisa de superior, que eleve a alma acima das coisas de todos os dias ou mesmo que as poetize, ainda mesmo as mais vulgares e banais.

Uma das melhores faculdades que Deus deu à humanidade é a elevação do pensamento, é o poder isolar-se pelo pensamento nas mais altas regiões, que não são atingidas pela atmosfera envenenada da materialidade da vida.

Que importa a luta pela vida, tanta coisa feia e má que há na terra, que se encontra todos os dias, se há tanta coisa bela, tanta coisa boa, na espiritualidade da alma e essas coisas que o misticismo exalta, têm-nas os que crêem e os que duvidam, porque fazem parte da alma humana em que há sempre uma centelha divina, porque crentes ou ímpios todos são obra de Deus e a todos êle dá uma parcela ainda que pequenina, muitas vezes, de misticismo e no fundo das almas como nas entranhas da terra, há sempre uma pepita, ainda que minuscula, do ouro da bondade!

Essa bondade encontra-se inesperadamente uma centelha dela, na alma tôrva do presidiário, do assassino, do ladrão. E' que por mais que o mundo tenha pervertido essas almas elas têm por si mesmas, a criação do bem, que pode explodir quando menos se pensa, do fundo do lodaçal, que a vida amontôa no coração de certos homens.

E' pois para desejar que o Novo Ano traga ao mundo uma messe de bondade, que êle cresça como as searas de trigo e que entre os homens haja a paz, acabem as guerras, tão cheias de maldade, e que a bondade, germinando, crescendo, numa fraternidade de todos, torne o mundo melhor, as almas mais belas, numa elevação crescente, para o que há de superior, de maravilhosamente deslumbrador nas regiões do Bem eterno.

Que a ambição dos homens seja a de serem melhores, de se aperfeiçoarem no bem e não em quererem impor na vida a ambição que sacrifica vidas, que diminue a bondade, que a espesinha, que a tortura. Que a centelha do Bem se acenda em tôdas as almas humanas, as ilumine e as guie durante os doze meses do ano que começa.

Maria de Eça.

A Moda

A Moda para as fanáticas e para as que têm por dever observá-la apresenta uma grande modificação e muito interessante é observá-la e reconhecer como acabam os decotes exagerados do «aprés guerre», os vestidos sem mangas, todo aquele nú, que há poucos anos tornavam a mulher tão pouco senhora, e quási obrigavam nesta época do ano ao uso do casaco de peles, para se poder suportar o frio de Dezembro e Janeiro.

Os vestidos de agora, muito mais confortáveis, não exigem de maneira nenhuma o casaco de peles, que pode ser substituído por um casaco de pano guarnecido a peles, de veludo ou de qualquer outro tecido.

Isto não quer porém dizer que as peles estão banidas como algumas pessoas o crêem, ou o fazem crer àquelas que, menos entendidas nas coisas da moda, preguntam o que se usa.

As peles não podem ser postas de parte porque além de ser uma indústria que emprega milhares de homens no seu fabrico, são o mais belo ornamento da mulher.

O que se dá é que agora só são elegantes as peles verdadeiramente bôas, como as do lindo modêlo que hoje damos, duma capa «sortie de bal» em «visou».

Este magnífico agasalho, usado com um vestido de baile em veludo vermelho, é forrado do mesmo veludo, mas não aconselhamos êsse requinte, porque uma capa destas não é para usar com um só vestido e deve ser forrada a setim ou «crêpe de chine» castanho, porque assim ficará bem com tôdas as «toilettes».

Como vestido de noite apresentamos às nossas leitoras uma criação da mais alta novidade. Um vestido em pesado «crêpe marocain» branco todo bordado a «strass» dum efeito encantador, que dá à «toilette» um aspecto «givrée» dos mais deslumbrantes com a iluminação das salas.

Uma das mais interessantes originalidades dêste vestido, são as mangas compridas guarnecidas por grandes e volumosos canhões em pele «zibeline».

A linha do vestido é também muito nova, porque traz tôda a roda à frente num «drapé» que o torna muito original. O comprimento na frente é grande, arrastando o vestido todo em volta, e, formando cauda.

Como vestido de tarde e para chá damos um simpático modêlo em veludo preto muito simples. A sua única guarnição são as pregas, que formam tôda a frente, guarnecendo-o com elegância. As mangas são também guarnecidas pelas mesmas pregas assim como os punhos enfeitados por botões pequeninos. A gola, em setim branco, forma uma linda volta caindo atrás em duas pequenas pontas.

O chapéu de aba é também em veludo preto e é guarnecido por um leve e gracioso véu. Uma magnífica raposa «argentée», que dá sempre um lindo remate às «toilettes» nesta quadra do ano completa o conjunto.

Para de manhã são graciosíssimas as «toilettes» dêste ano. Quanto mais simples mais apreciadas. Damos um lindo modêlo, género uniforme de oficial hungaro.

Cortado num grosso pano azul-escuro, a saia é direita e o mais simples possível. O casaco, justo ao corpo e com grandes algibeiras sobrepostas, é fechado por alamares em grosso cordão de seda preta. A pequena e graciosa «toque» é no mesmo tecido e guarnecida por duas azelhas matizadas de vários tons de azul. Uma «écharpe» macia enrola-se em volta do pescoço e pelo seu tom vivo dá à «toilette» uma nota alegre. Bengalinha de castão de cristal facetado, masculiniza êste atrevido trajo matutino.

A mulher vinga-se nas «toilettes» de manhã, do servilismo feminino a que a Moda ditadora a obriga nos vestidos de tarde e de noite.

Higiene e beleza

A mulher moderna que tão bem sabe embelezar-se e fazer valer os seus dotes físicos, comete em geral um enorme êrro, o rapar as sobrancelhas, pintando-as em seguida ao gôsto da moda: finas como uma pincelada.

E assim os olhos, os lindos olhos da mulher portuguesa, ficam banalizados, inexpressivos, olhos iguais a todos os outros. As sobrancelhas contribuem imensamente para a expressão fisionómica e modificá-las, transtorna muitas vezes por completo o aspecto do rosto.

A mulher que quer ser verdadeiramente bela, não no sentido de boneca de cabeleireiro, mas de beleza natural, não deve de forma nenhuma cometer êsse enorme êrro.

Quando muito se as suas sobrancelhas são grossas de mais ou desalinhadas deve metê-las na linha depilando-as com uma pinça, apenas ligeiramente, sem alterar a sua forma primitiva, que é sem dúvida a que se harmoniza com a forma e expressão do rosto.

Receitas de cosinha

Pudim de arroz com rim: Cose-se primeiro o arroz em água e sal e uma cebola pequena, na qual se espetam uns cravos de cabecinha.

Quando estiver quasi cosido e enxuto, acaba-se de coser com um pouco de leite e deita-se-lhe manteiga bastante, para o temperar.

Passa-se uma forma com manteiga e enforma-se o arroz. Corta-se o rim ás rodinhas, depois de lavado e tirado o veu que lhe póde dar mau sabor.

Salteia-se rapidamente em manteiga, tendo-o previamente passado por farinha de trigo.

Quando estiver quasi pronto, deita-se-lhe um copinho de vinho Madeira, sal e pimenta, salsa picada e tapa-se a frigideira, para ferver um pouco.

Desenforma-se o arroz, põe-se o pudim numa travessa ou prato redondo, deita-se o rim no buraco do pudim e em volta deste, e, por cima o môlho grosso.

E' um prato ótimo para almoço ou jantar.

A mulher na polícia

Não póde haver papel mais antipático para a mulher do que pertencer á polícia. Aproveitar as facilidades que o seu ar inocente e de mulher lhe dá, para denunciar e estragar a vida dos outros.

No entanto a mulher espia existe e hoje mais do que nunca faz na sociedade o seu terrível papel, que embora muitas vezes seja de utilidade patriótica, é sempre repugnante.

Em França ha muita mulher na polícia, mas dificilmente se podem identificar porque são conhecidas por números.

No passado houve porém, nomes de mulheres que ficaram célebres nos anais da polícia francesa: M.me de La Niéville, M.me du Touchet, a generala Thiebaut, Rose Lacombe e Théroigne de Méricourt.

A história dessas personagens está ligada á primeira Revolução, ao consulado, e, ao primeiro império, como muito bem o descreveu Tardieu numa interessantíssima crónica.

M.me de La Niéville e M.me du Touchet senhoras do alto mundo, impulsionadas pela paixão política, iniciaram-se no papel policial sem receber qualquer recompensa de órdem material.

E prestavam os melhores serviços observando tudo o que se passava na sociedade, que freqüentavam assiduamente, e nas reuniões que davam em suas casas onde atraíam as celebridades da época.

Eram recompensadas pela influência política, que lhes permitia satisfazer caprichos e impulsos de antipatias fazendo deslocar os seus inimigos e protegendo dedicadamente aquêles que lhe mereciam simpatia. Rose Lacombe era uma artista, que abandonou o teatro, pela política e foi também a paixão política que fez a celebridade tão triste de Théroigne de Méricourt, que pertencia a uma família distinta e cujo verdadeiro nome era Teridagne de Marcourt. Bela, corajosa e decidida arrastou pela lama essas qualidades e sendo uma oradora distinta e brilhante, teve o triste e apagado mister de espia, tão tragicamente repugnante.

Pensamentos

De que serve lutar contra o destino, o sábio é conduzido e o rebelde arrastado.

Morremos todos os dias, mas só chamamos morte á que põe fim aos nossos dias.

Quem sabe se a ciência é para o homem um grrande tesouro?

(La Fontaine).

Bridge

(Problema)

Espadas — A. R. 10, 5, 3, 2.
Copas — D, 5, 3.
Ouros — A. R. D.
Paus — 8.

Espadas — 8, 6.	N	Espadas — D. V, 9.
Copas — 7, 6, 4, 2.	O E	Copas — R. 9.
Ouros — V. 4.		Ouros — 10, 9, 7, 6.
Paus — 6, 5, 4, 3, 2.	S	Paus — D. V, 10, 9.

Espadas — 7, 4.
Copas — A. V. 10, 8.
Ouros — 8, 5, 3, 2.
Paus — A. R. 7.

S declara grande chelem em copas.
O sai por 6 de paus e *S* cumpre o chelem.

(Solução do número anterior)

S joga As de copas que *N* corta com o 2 de ouros.

N joga 5 de ouros, *E* o 8 de ouros, *S* o 9 de ouros e *O* o 3 de ouros.

S joga Rei de copas, *O* corta com o 4 de ouros ou balda-se. *N* joga 6 de ouros e *E* 10 copas. *N* joga 10 de ouros, *E* o Valete de ouros, *S* a Dama de ouros e *O* joga o 7 de ouros ou 4 de ouros conforme tenha ou não cortado o Rei de copas.

S joga As de ouros, *O* joga o 7 de ouros ou balda-se a paus ou espadas se tiver cortado o Rei de copas.

N joga de 3 espadas e *E* Rei de ouros.

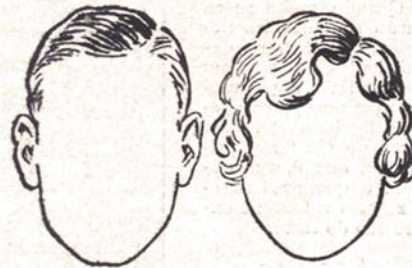
S joga 3 de copas, *O* balda-se a paus ou espadas, *N* 5 de espadas e *E* Dama de copas.

E joga 4 de espadas, *S* 5 de paus, *O* joga espadas, fazendo *N* e *S* as restantes vasas.

O maior diamante do mundo

Descobriu-se recentemente no Brasil, nos arredores de Uberaba (Minas Gerais) um diamante de 488 carates, que ficará sendo o maior do mundo.

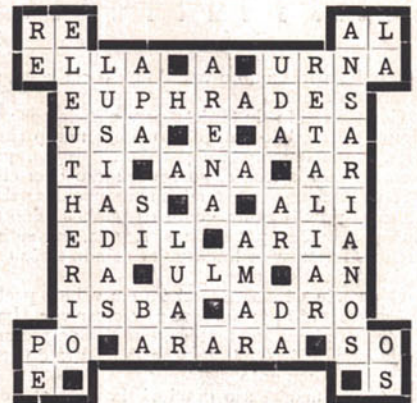
Caras em branco

(Passatempo)

Para os amadores de desenho experimentarem a sua habilidade, preenchendo com ligeiros traços apenas, os dois rostos que aqui se vêem, dando-lhes assim feições que conforme o gôsto de cada um, podem apresentar uma expressão séria, risonha ou cómica. Como quizerem.

Como se distingue o marfim verdadeiro do falso

Como existem numerosos processos para se obter o marfim artificial, é muito difícil para quem não seja conhecedor, distinguir o falso do verdadeiro. Todavia, se se deixar cair uma gota de ácido sulfúrico sôbre marfim animal, aparecerá uma mancha avermelhada, enquanto que se fôr sôbre marfim vegetal, êste não mudará de côr.

Palavras cruzadas

(Solução)

Vénus, o mundo futuro

Êste velho planeta em que habitamos vai gradualmente arrefecendo. Sir James Jeans afamado ciêntista inglês declarou, recentemente, que no dia em que a Terra chegar a ser tão fria como Marte o é agora, tôda a vida terá, provavelmente, desaparecido da sua superficie.

Quando a terra se tornar demasiadamente fria para suportar nela a vida, é possível, dizem os homens de ciência, que Vénus venha substitui-la como planeta habitado. Presentemente, Vénus parece ser, aproximadamente, como a terra deve ter sido aqui há milhões de anos atrás. Está rodeada por nuvens tão densas que não podemos vêr superficie alguma da que lhes fica por baixo e não há ali sinais de oxigénio, nem provavelmente nenhuma vida de ordem superior, como existe na Terra.

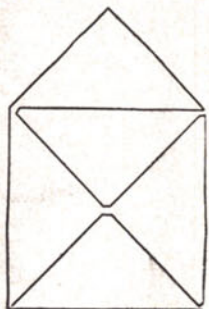
Não é, contudo, impossível que no decorrer dos anos, primeiro a vegetação e depois formas mais altas de vida venham a aparecer em Vénus e que êste planeta venha, por último, a repetir a história do mundo.

Desenho a traço contínuo

(Solução)

Eis a solução do passatempo do número anterior. Os cantos, no desenho, vão cortados para maior clareza.

O marido: — Sabes, estou a vêr se me lembro em que ano é que vocês, mulheres, começaram a usar aquelas sáias muito curtas.
A esposa: — Agora, de repente, não me recordo; mas sei que foi no ano em que tu compraste os teus óculos.

(Do *«Humorist»*).

De onde provém a expressão "natureza morta,,?

Esta expressão de «natureza morta» empregada na pintura para designar quer seja objectos inertes, quer objectos susceptiveis de certos desenvolvimentos orgânicos, pertence ao século XIX.

Diderot, o criador da crítica de arte designa nos seus *Salons*, êsse género de pintura sob o nome de natureza inanimada. Foi daí que veio a expressão de natureza morta, tão usada hoje, apesar de bastante defeituosa, porque a natureza é sempre viva, mas não se sabe quem tenha sido o autor dêsse neologismo.

SAGRES

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
A GARANTIA NA VELHICE

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor *Roberto*, brochado . . . . **12$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Faz ó-ó Mimi

São Horas de Deitar

"FECHA os olhos, minha queridinha,... a tua mãe vai dar-te a Ovomaltine para dormires um soninho descançado"... e agora tambem toma a sua chavena de Ovomaltine para chegar depressa ao paiz dos sonhos.

Longas experiencias provam que a Ovomaltine é a melhor bebida para as creanças no periodo de crescimento. A Ovomaltine não só produz um sono tranquilo e natural, como tambem fornece todas as propriedades nutritivas tão necessarias a um corpo que se está a formar e para suprir a energia e vitalidade que as crianças tão prodigamente dispendem.

A Ovomaltine é um alimento completamente nutritivo preparado por um processo cientifico e composto das melhores qualidades do malte, leite e ovos. Por estas razões a Ovomaltine marca por si só um logar.

A Ovomaltine não contem assucar vulgar para diminuir o preço em prejuizo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contem chocolate ou uma grande percentagem de cacau.

Pelas suas supremas qualidades a Ovomaltine é a bebida regular diaria de milhares de pessoas.

Qualidade acima de tudo

Á venda em todas as farmacias, drogarias e mercearias, em embalagens de 1/1 lata, 1/2 lata e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A., Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.A (IRMÃOS)

RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º

LISBOA